



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – FASA
CURSO: COMUNICAÇÃO SOCIAL COM HABILITAÇÃO EM JORNALISMO
MONOGRAFIA ACADÊMICA
PROFESSORA: GISELE AZEVEDO RODRIGUES
ÁREA: RÁDIO

**O PAPEL DO RÁDIO NO FORNECIMENTO DE INFORMAÇÕES ÀS
COMUNIDADES LOCAIS: um estudo de caso do programa Ponto de
Encontro, da Rádio Nacional da Amazônia**

DÉBORA BARBOSA BATISTA
MATRÍCULA Nº 20164938

Brasília/DF, junho de 2006

Débora Barbosa Batista

**O PAPEL DO RÁDIO NO FORNECIMENTO DE INFORMAÇÕES ÀS COMUNIDADES
LOCAIS: um estudo de caso do programa Ponto de Encontro, da Rádio Nacional
da Amazônia**

Monografia apresentada à Faculdade de
Ciências Sociais Aplicadas do Centro
Universitário de Brasília como requisito parcial
para obtenção do certificado de Bacharel em
Comunicação Social com habilitação em
Jornalismo

Prof. Orientador: Gisele Azevedo Rodrigues

Brasília/DF, junho de 2006



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – FASA
CURSO: COMUNICAÇÃO SOCIAL COM HABILITAÇÃO EM JORNALISMO
MONOGRAFIA ACADÊMICA
PROFESSORA: GISELE AZEVEDO RODRIGUES
ÁREA: RÁDIO

MEMBROS DA BANCA EXAMINADORA

MEMBROS DA BANCA	ASSINATURA
Coordenadora do Curso Prof.: Henrique Tavares	
Professor Orientador Prof. Gisele Azevedo Rodrigues	
Professor Convidado Prof.	
Professor Convidado Prof.	
MENSÃO FINAL:	

Brasília/DF, _____ de _____ de 2006

BATISTA, Débora Barbosa.

O papel do rádio no fornecimento de informações às comunidades locais. Um estudo de caso do Programa Ponto de Encontro, da Rádio Nacional da Amazônia/ Débora Barbosa Batista – Brasília, 2006. 67 p.

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Coordenação de Comunicação Social do Centro Universitário de Brasília para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo. Orientador: Gisele Azevedo Rodrigues.

1. Rádio. 2. Radiodifusão. 3. Comunicação. 4. Amazônia.

Dedico este trabalho aos meus pais, Delma e Edineu, pelo apoio e compreensão nas horas mais difíceis.

Agradeço, primeiramente a Deus, pela presença e força que proporciona na minha vida.

Ao meu pai, que tanto se esforçou e me apoiou nos estudos.

À minha mãe pela motivação a todo instante.

Ao meu amor, que me apoiou para que eu chegasse até aqui.

À minha família, pelo apoio nos momentos de angústia.

A Gisele Rodrigues, por acreditar em mim, pela motivação e conhecimento que norteou o desenvolvimento deste trabalho.

À equipe da Rádio Nacional da Amazônia, em especial Sula Seviles, Gaby Granado e Kellem Sumie, por dedicarem parte do tempo contribuindo com a existência deste trabalho.

RESUMO

Esta monografia pretende analisar o papel do rádio no fornecimento de informações às comunidades da Amazônia. Para isso, aborda o histórico e as características do rádio e investiga os fatores que levam o ouvinte a acompanhar determinados programas e percebê-los como um facilitador da comunicação naquela região. Utilizou-se como objeto de estudo o programa Ponto de Encontro, da Rádio Nacional da Amazônia. Buscou-se nesta pesquisa responder à seguinte questão: O programa Ponto de Encontro consegue alcançar as metas propostas na ocasião de sua criação? Para alcançar este objetivo, procurou-se identificar o papel que o programa cumpre nas comunidades da Amazônia, tendo como método de investigação o *estudo de caso*, com a utilização de técnicas de entrevista pessoal e de observação direta. A análise teve como principal limitação a ausência de pesquisa desenvolvida pela própria Rádio Nacional da Amazônia e a longa distância entre a região e o local de produção deste trabalho. Além de levantamentos bibliográficos sobre o tema, a presente monografia também apresenta entrevistas com profissionais do rádio e com ouvintes da Amazônia Legal, que explicam por que utilizam o veículo como principal fonte de informação.

Palavras-chave: Rádio. Radiodifusão. Comunicação. Amazônia.

ABSTRACT

This monograph intends to analyse radio stations providing information to the communities in the Amazon. To do this, the history and characteristics of the radio stations are studied in this paper as well as the factors that make listeners tune into particular programs and realise that radio is an easy way of communication in that region. The radio show P de E on Radio Nacional of Amazon is the object of the study. This examination answered the following question : Is the radio show P de E able to obtain the targets proposed when it was created? To reach this objective, they tried to identify what the program contributes to the Amazon communities, using the method of investigation of the study case, and also using personal interviews and direct observation . The analysis was limited by the fact that the survey made by the RNA itself was missing and the distance between the region and where the study was carried out. Aside from the book research on the subject, the monograph also shows interviews with radio professionals and with listeners of Amazonia Legal?, who explained why they use radio as the principal source of information.

Key-words: Radio. Radiodifusion. Communication. Amazon.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. RÁDIO E COMUNICAÇÃO	15
3. A RADIODIFUSÃO E A HISTÓRIA DO RÁDIO	21
3.1. As primeiras experiências com ondas eletromagnéticas	21
3.2. Breve histórico do rádio brasileiro	23
3.3. Alô, alô, Brasil! Está no ar a Rádio Nacional do Rio de Janeiro	26
3.4. Chegam as primeiras radionovelas do Brasil	26
3.5. Era de ouro	27
3.6. Ih!! Chegou a TV	28
3.7. Radiobrás – Breve histórico	29
4. SURGE UMA RÁDIO PARA A AMAZÔNIA	30
4.1. A História do Dito Gaioleiro, a primeira radionovela da Amazônia!	32
5. ALÔ GENTE AMIGA DESSA AMAZÔNIA!! ESTÁ NO AR O PONTO DE ENCONTRO!	35
5.1. Carta dos ouvintes	39
5.2. Construção do instrumento de coleta de dados	46
5.3. Participação ao vivo	55
7. RESULTADO, ANÁLISE E DISCUSSÃO	60
8. CONCLUSÃO E RECOMENDAÇÕES	62
9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	65
10. ANEXOS	68

INTRODUÇÃO

Com uma área de aproximadamente 7,5 milhões de km², a Amazônia ocupa 2/5 do continente e faz parte dos territórios do Brasil, Bolívia, Colômbia, Equador, Guiana, Guiana Francesa, Peru, Suriname e Venezuela. Já a Amazônia Legal representa cerca de 60% do Brasil. Com uma área total de aproximadamente cinco milhões de km², a Amazônia Legal é composta pelos Estados do Amazonas, Acre, Amapá, oeste do Maranhão, Mato Grosso, Rondônia, Pará, Roraima e Tocantins. A região, rica em recursos naturais, possui grandes estoques de madeira, borracha, castanha, peixes, minérios e plantas, das quais se extraem óleos e essências para uso medicinal, cosmético e alimentício. Por outro lado, a Amazônia Legal enfrenta uma precariedade de infra-estrutura urbana de serviços públicos, como transporte, água tratada e esgoto, energia, comunicação, educação e tecnologia. Tais deficiências estão associadas à baixa qualidade de vida e falta de oportunidades para a população. A pauta da região nos últimos anos se baseou em novas ameaças de desmatamento, que atingiu 18,9 mil quilômetros quadrados entre agosto de 2004 e julho de 2005, a pior seca dos últimos 40 anos, invasão indireta de organizações não-governamentais (ONG's) e corporações estrangeiras que roubam sementes e frutos, produção ilegal de madeira, trabalho escravo em regiões afastadas dos grandes centros, incêndios florestais, além de surtos de doenças ligadas à pobreza, as chamadas doenças negligenciadas, entre elas a malária, a doença de Chagas, a dengue, a leishmaniose e a tuberculose, bem como mortes de indígenas relacionadas à desnutrição e doenças decorrentes da desnutrição. A população convive ainda com conflitos de terra, ocupação desordenada da terra e uso inadequado do solo sem estudos prévios de impacto ambiental. A comunicação mais utilizada entre comunidades isoladas da região amazônica depende de barco. Para chegar em comunidades menores, a travessia do rio demora de dois a cinco dias e, dependendo da potência do motor do barco, a informação pode chegar em até cerca de 10 dias.

Apesar do conceito de qualidade de vida no Brasil ser muito amplo, sabe-se que uma vivência social marcada pela carência de liberdades e fatores estruturais não é qualidade de vida. ¹Para diversas organizações não-governamentais brasileiras, a proposta de um novo conceito de qualidade de vida surge a partir de diálogo e de prática democrática. A proposta dessas organizações é levar a população condições ambientais de existência (saneamento básico e segurança alimentar), direitos sociais e trabalhistas (saúde, previdência e transporte), direitos à segurança e integridade física, educação e direito à participação.

Nesse sentido, a Rádio Nacional da Amazônia tem papel fundamental na busca pela cidadania na vida dos moradores da região norte do país, em especial de comunidades isoladas como áreas rurais, ribeirinhas, indígenas e fronteiriças, onde outros veículos de comunicação têm dificuldades de acesso.

O tema a ser tratado nesta pesquisa refere-se, portanto, ao papel do rádio na Amazônia Legal. Trata-se de uma análise do processo de recepção da rádio entre os seus ouvintes e do papel que o veículo desempenha, na prática, em relação aos serviços prestados. Para o estudo, utilizou-se o programa Ponto de Encontro, da Rádio Nacional da Amazônia. O tema foi escolhido tendo em vista a carência da região no âmbito da comunicação, especificamente no acesso a informação e na busca por familiares desaparecidos. O estudo se propôs a analisar a seguinte questão: O Programa Ponto de Encontro cumpre o objetivo proposto na sua criação? Criado em 1985, o programa nasceu com o intuito de atender as necessidades das pessoas residentes na região, no que tange a informação, e possibilitar o reencontro de familiares desaparecidos. Nesse sentido, o estudo se propôs a analisar as funções exercidas pelo Ponto de Encontro e o seu papel como veículo de comunicação de massa.

Para esta análise, foram estabelecidos objetivos específicos como verificar a finalidade do programa e o trabalho prático executado atualmente; saber a função do programa na comunidade amazônica; verificar os efeitos obtidos com o trabalho executado pelo Ponto de Encontro; fazer uma análise do trabalho e dos resultados

¹ LEROY, Jean Pierre. **Tudo ao mesmo tempo agora. Desenvolvimento, sustentabilidade, democracia: o que isso tem a ver com você?** Petrópolis: Vozes, 2002. p. 103.

obtidos por ele. A apresentação de propostas para melhoria do programa e a investigação sobre sua eficácia no fornecimento de informações e na busca para solução de problemas também foram objetivos específicos do trabalho.

Tais questionamentos aparecem como ponto de partida para um estudo mais aprofundado sobre as práticas do rádio.

Nesse estudo, buscou-se saber as funções do programa. Para análise foi preciso saber quem escuta o que e porquê. A distância da região e a ausência de documentos sobre a audiência do programa foram dificuldades encontradas no decorrer do trabalho.

O estudo consta de três tópicos fundamentais. O primeiro consiste em uma narrativa histórica e conceitual sobre o rádio, além de discussões atuais sobre o tema. O segundo aborda a dissertação sobre o objeto de pesquisa. Já o terceiro consiste na análise propriamente dita, seguida dos resultados e da conclusão.

Confrontando a literatura e as teorias a respeito do rádio no cenário da comunicação de massa com as observações provenientes desta pesquisa, buscou-se identificar o papel do programa Ponto de Encontro nas comunidades amazônicas.

O método utilizado neste trabalho foi um *estudo de caso*. Foram feitas análises sobre quatro cartas recebidas pelo programa Ponto de Encontro durante os meses de junho e outubro de 2005 e março de 2006. O material colhido não segue uma seqüência cronológica, mas sim a seleção de cartas feita de maneira aleatória que foram recebidas pelo Ponto de Encontro. Como fontes secundárias, foi feito levantamento bibliográfico relacionado ao tema rádio, radiodifusão, teorias da comunicação, legislação da radiodifusão, bem como a internet na busca de informações atuais a respeito do tema e da região. As entrevistas com profissionais da emissora e ouvintes que reencontraram pessoas desaparecidas, além de estudo sobre as características da região e a observação direta da produção e transmissão do programa também possibilitaram dar dimensão ao tema estudado. A observação foi feita em visitas freqüentes ao local da produção e apresentação do programa.

Foi feita também uma coleta de dados a partir das cartas, gráficos, produção e apresentação do programa Ponto de Encontro.

São várias as definições de *estudo de caso*. Segundo Miriam Goldenberg, o termo *estudo de caso* vem de uma tradição de pesquisa médica e psicológica, na qual

se refere a uma análise detalhada de um caso individual que explica a dinâmica e a patologia de uma doença dada. O método supõe que se pode adquirir conhecimento do fenômeno estudado a partir da exploração intensa de um único caso.

“Adaptado da tradição médica, o *estudo de caso* tornou-se uma das principais modalidades de pesquisa qualitativa em ciências sociais. O *estudo de caso* reúne o maior número de informações detalhadas, por meio de diferentes técnicas de pesquisa, com o objetivo de aprender a totalidade de uma situação e descrever a complexidade de um caso concreto. Através de um mergulho profundo e exaustivo em um objeto delimitado, o *estudo de caso* possibilita a penetração na realidade social, não conseguida pela análise estatística”.²

² GOLDENBERG, Miriam. **A arte de pesquisar**. 1997, p. 33-34.

RÁDIO E COMUNICAÇÃO

A comunicação é um elemento imprescindível para a vida humana. Está sempre presente na preocupação de estudiosos que se dedicam a pensar o agir humano. Ela deve ser compreendida como algo muito além da ação de um emissor ativo em direção a um receptor passivo. Para melhor compreensão sobre o tema deste capítulo, será exposta a seguir a definição de “comunicação”, que se pretende utilizar no decorrer deste trabalho. É impossível compreender a realidade sem o entendimento do que seja o fenômeno da comunicação e de como ela se estrutura.

Do ponto de vista meramente etimológico, o termo comunicação é originário do latim *communis* e significa pôr em *comum*, *partilhar*, *comunhão*. Diante do crescimento das possibilidades de transmissão de informações, cabe questionar se as novas tecnologias correspondem a um aumento real das condições de comunicação na sociedade. Sobre isso já questionou o filósofo e P.h.D. britânico Michael Traber:

“Enquanto o mundo tem avançado, a tarefa da comunicação tem se tornado sempre mais complexa e sutil para contribuir com a liberação da humanidade da opressão e do medo e para uni-la em comunidade e em comunhão, solidariedade e compreensão. Entretanto, apesar de algumas mudanças estruturais básicas terem sido introduzidas, os benefícios potenciais do desenvolvimento tecnológico e da comunicação dificilmente serão colocados à disposição da maioria da humanidade”.³

Michael Traber afirma que o ser humano é ao mesmo tempo individual e social. A reflexão sobre a natureza humana está condicionada e orientada em direção aos outros seres humanos. Nesse sentido, o filósofo define o conceito de comunicação:

³ **A comunicação é parte da natureza humana: uma reflexão filosófica a respeito do direito de a se comunicar.** Michael Traber (PH.D. em Comunicação Social pela New York University - EUA in 1960). Disponível em http://www.intervozes.org.br/artigos/trabers_pt.rtf. p. 10.

“Comunicação é, conseqüentemente, uma característica humana essencial e uma necessidade social fundamental. Seu núcleo central é a noção filosófica da intersubjetividade, que implica uma comunicação na liberdade, na igualdade e na solidariedade. Nossas reflexões finais são a respeito da comunicação como o elemento vital da sociedade”.

Segundo Michael Traber, o direito de se comunicar depende muito das estruturas sociais em que a comunicação pública ocorre. Traber defende que esse direito não pode estar isolado, mas que deve estar conectado a outros direitos humanos, particularmente os direitos à educação, cultura e desenvolvimento sócio-econômico.

O modelo de comunicação que supõe o diálogo de um emissor (sujeito) que diz alguma coisa (mensagem) por meio de um canal para alguém (receptor) também é condenado por Pedro Gilberto Gomes, que afirma que a comunicação é um fenômeno predominantemente humano que supõe a consciência. Para Pedro Gilberto Gomes (GOMES, 1997, p. 8), tal modelo provém de uma concepção mecânica, provinda da cibernética, da relação entre máquinas.

“Vê-se que o emissor e receptor não podem ser entendidos como indivíduos isolados e abstratos, mas lugares sociais. O indivíduo fala sempre a partir de interesses materiais e simbólicos de sua classe. Portanto, na interação social que se estabelece no processo comunicativo, torna-se impossível identificar emissão e recepção de maneira clara e insofismável, nos seus momentos”.

Diante de críticas aos modelos mecânicos, Gilberto Gomes esboça uma aproximação do conceito de comunicação. (GOMES, 1997. p. 106)

“A comunicação é compreendida como o processo de integração social democrática baseada no intercâmbio de símbolos mediante o qual as pessoas compartilham voluntariamente suas experiências sob condições de acesso livre e igualitário, diálogo e participação”.

Quanto a afirmação supracitada de Michael Traber, no que tange a comunicação no mundo contemporâneo, Pedro Gilberto Gomes demonstra a existência de um paradoxo fundamental na realidade atual aliada a novas tecnologias. E afirma (GOMES,

1997, p. 24): “A par de tecnologias e possibilidades cada vez maiores de comunicação, a sociedade humana vive momento de incomunicação, com movimentos sempre maiores de voltar-se para dentro de si, de encaramujar-se”.

Nesse sentido, o objeto comunicação ainda é meio nebuloso no campo de questionamentos e da ciência, pois é trabalhado em vários saberes ao mesmo tempo. Cada vez mais as pessoas “se isolam” com medo das grandes metrópoles. A comunicação interpessoal fica cada vez mais comprometida paralelo ao aumento do consumo dos veículos de comunicação. “Quem tem poder aquisitivo maior, consome os produtos feitos por encomendas, via internet, TV a cabo, informática, multimídia; os pobres contentam-se com os tradicionais meios massivos. Quer dizer que, na medida em que aumenta o consumo de informação, de dados diminui a intercomunicação pessoal”, afirma Pedro Gilberto Gomes. (GOMES, 1997, p. 24.)

Com base nas definições expostas, este trabalho adota o termo comunicação descrito pelos autores citados, que vai além da transmissão de informações de fontes ativas e receptores passivos. No processo comunicativo, cada pessoa é uma unidade referencial. Portanto, comunicação é diálogo, convivência, participação, comunhão. É interação entre as pessoas, sujeitos livres, com direitos iguais de acesso aos recursos da comunicação.

Os jornalistas têm um papel fundamental no elemento comunicação. A literatura enumera diferentes possibilidades quanto ao papel deste profissional. Já em 1974, Wolfgang Langenbucher dizia que o principal papel do jornalista é a mediação em uma sociedade democrática e a principal tarefa é facilitar a mútua comunicação entre os diferentes grupos de sociedade. A proposta de Langenbucher proporciona igual oportunidade a todos os grupos da sociedade.

“O que uma sociedade democrática precisa é de jornalistas que queiram ser, antes de tudo, mediadores, que não adotem a atitude demagógica para a sociedade nem desejem “preparar”, manipular ou guiar as pessoas, mas que tenham o objetivo de possibilitar o diálogo, através das diferentes correntes, entre as várias classes e agrupamentos; gente, em outras palavras, que estejam preparadas para tornar compreensíveis os fatos atuais da política atual para o operário cansado e pouco instruído; jornalistas que não escrevam para outros jornalistas, mas para as “massas”. Às vezes têm-se a impressão de que

a classe intelectual tinha uma consciência mais clara desse seu dever em épocas anteriores, não-democráticas”.⁴

O rádio, por sua vez, é um elemento fundamental na comunicação, pois informa, distrai, possibilita a participação e faz companhia às pessoas que buscam informação de maneira informal, objetiva, clara e precisa. No que se refere a definição de comunicação supracitada, o rádio é capaz de oferecer oportunidade de percepção dos direitos e deveres do cidadão. Assim também afirmou a jornalista Mara Régia Di Perna:

“O direito de nos comunicarmos está na Constituição. É preciso saber usar o veículo para dar vez e voz a quem não tem acesso aos grandes meios de comunicação. Faço parte do movimento pela democratização da comunicação. O rádio é ferramenta-cidadã, na qual a população fala de seus direitos, sua comunidade. O espaço no rádio tem que ser ocupado sem se fazer dele um palanque a serviço de grupo político, e ser o mais plural possível, instrumento de democratização, já que as TVs estão todas ocupadas pelos barões, assim como as revistas e os jornais. São oito ou 10 famílias que dominam tudo. Vamos tentar no rádio, o primo pobre, o que desde Roquette Pinto foi pensado como sua vocação primeira: promover a educação, a formação e o serviço”.

Para Gisela Swetlana Ortriwano (1995), o rádio é o meio mais privilegiado por possuir características particulares como a linguagem oral, de falar para o povo; a penetração, pois em termos geográficos é o mais abrangente dos meios, podendo chegar a pontos mais remotos; mobilidade, por ter mais facilidade de estar no local dos acontecimentos; autonomia, por estar livre de fios e tomadas, podendo estar em todo lugar; baixo-custo, por estar ao alcance de uma parcela muito maior da população. “Entre os meios de comunicação de massa, o rádio é, sem dúvida, o mais popular e o de maior alcance público, não só o Brasil como em todo o mundo, constituindo-se, muitas vezes, no único a levar a informação para populações de vastas regiões que não têm acesso aos outros meios, seja por motivos geográficos, econômicos ou culturais”. (ORTRIWANO, 1995, p. 78)

⁴ KUNCZIK, Michael. **Conceitos de jornalismo: norte e sul**. 2ª edição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001. p. 100-101.

Na década de 60, o teórico canadense Marshall McLuhan definiu o rádio como um tambor tribal por proporcionar uma experiência privada no meio de comunicação de massas.

“O rádio afeta as pessoas, digamos, como que pessoalmente, oferecendo um mundo de não comunicação não-expressa entre o escritor-locutor e o ouvinte. Este é o aspecto mais imediato do rádio. Uma experiência particular. As profundidades subliminares do rádio estão carregadas daqueles ecos ressoantes das trombetas tribais e dos tambores antigos. Isto é inerente a própria natureza deste meio, com seu poder de transformar a psique e a sociedade numa única câmara de eco.”⁵

McLuhan revolucionou o estudo dos meios de comunicação de massa e se tornou um autor muito falado nos anos 70. Com a afirmação de que “O meio é a mensagem”, ele diria que antes de analisar a mensagem, é preciso compreender primeiro o meio e que sentidos são provocados pelo meio. Para o canadense, cada meio de comunicação é a extensão melhorada de um sentido. O livro, por exemplo, seria a extensão da nossa visão assim como o telefone seria a extensão do ouvido.

“O rádio possui o seu manto de invisibilidade, como qualquer outro meio. Manifesta-se a nós ostensivamente numa fraqueza íntima e particular de pessoa a pessoa, embora seja, real e primeiramente, uma câmara de eco subliminar cujo poder mágico fere cordas remotas e esquecidas. Todas as extensões tecnológicas de nós mesmos são subliminares, entorpecem; de outra forma, não suportaríamos a ação que uma tal extensão exerce sobre nós. Mais do que o telegrafo e o telefone, o rádio é uma extensão do sistema nervoso central, só igualada pela própria fala humana”. (MCLUHAN, 1964, p. 339-340)

Ainda na discussão sobre os meios, McLuhan faz uma distinção entre meios frios e meios quentes. Define o meio quente os veículos com pouco investimento tecnológico, mas que, segundo ele, são capazes de aguçar os sentidos e tendem a tornar as pessoas mais ativas. O rádio seria um meio quente e a TV um meio frio, que

⁵ MCLUHAN, Herbert Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. 5ª edição. São Paulo: Cultrix, 1964. p. 337.

possui mais tecnologia, porém possui poder de dominação e não estimular a imaginação, ou seja, quanto mais recurso tecnológico, menos conteúdo.

Para Eduardo Meditsch, a teoria do autor canadense MCLUhan sobre os meios frios e quentes ajudou a perceber as diferenças entre os diversos meios e a importância desta diferenciação para a avaliação de seus efeitos. Por outro lado, Meditsch discorda da tese de que “o meio é a mensagem”. Para ele, a teorização do canadense é insustentável por tentar explicar a história a partir de determinadas tecnologias, sobrepondo as variáveis econômicas, sociais e culturais. “Os meios não são a mensagem, que se localiza numa realidade histórica muito mais complexa do que fazem parte. Mas os meios interferem nesta realidade, e condicionam especialmente as mensagens produzidas e veiculadas por ele”. (MEDITSCH, 2001, p. 34)

A RADIODIFUSÃO E A HISTÓRIA DO RÁDIO

Pela definição de Luiz Artur Ferrareto (2001), a radiodifusão corresponde à transmissão de sons que utiliza os princípios do eletromagnetismo. O rádio é o meio de comunicação que utiliza a mesma tecnologia da radiotelefonia, ou seja, emissões de ondas eletromagnéticas para transmitir a distância mensagens sonoras destinadas a audiências numerosas.

As primeiras experiências com ondas eletromagnéticas

Fim do século XVIII. Benjamin Franklin sugere o uso da eletricidade para a transmissão de mensagens à distância. No início do século XIX foi comprovada a idéia do dinamarquês Hans Cristian Oersted sobre a existência de uma relação entre a eletricidade e o magnetismo. Já entre 1832 e 1837 o norte-americano Samuel Morse desenvolve o telégrafo, aparelho que correspondia à transmissão de sinais à distância com capacidade de intercalar impulsos elétricos breves e longos.

Em 1875, Alexander Graham Bell e Thomas Watson puseram-se a fazer experiências para verificar o funcionamento do telégrafo harmônico. O experimento, feito na oficina de Bell, tinha como objetivo ligar os diversos eletroímãs. Graham Bell obteve em 1876 uma carta patente para o telefone, aparelho na qual as vibrações da voz humana são transformadas em fluxo de elétrons e recompostas na sequência na forma de som.

Enquanto isso, em 1864 o professor de Física James Clerk Maxwell observou que o efeito combinado de eletricidade e magnetismo poderia se manifestar no espaço. Esta teoria é confirmada duas décadas depois pelas experiências do físico alemão Heinrich Rudolf Hertz, quando foram descobertas as conhecidas “ondas hertzianas”.

Depois de muitas tentativas, o pesquisador italiano Guglielmo Marconi faz soar uma pequena campainha ligada aos equipamentos de recepção em transmissores que chegaram a distância de um quilômetro. Marconi obteve a patente sobre o telegrafo sem fio e em 1901 consegue enviar o primeiro sinal radiotelegráfico transoceânico.

Para alguns estudiosos não há único inventor do rádio. Luiz Artur Ferrareto, por exemplo, afirma que a invenção do rádio é atribuída erroneamente ao italiano Guglielmo Marconi. O jornalista não descarta a importância da contribuição de Guglielmo, mas afirma que o rádio é resultado de pesquisas desenvolvidas por alguns estudiosos e aperfeiçoadas por outros.

“Embora o senso comum atribua a invenção do rádio ao italiano Guglielmo Marconi, pode-se afirmar que a radiodifusão sonora constitui-se no resultado do trabalho de vários pesquisadores em diversos países ao longo do tempo, representando o esforço do ser humano para atender a uma necessidade histórica: a transmissão de mensagens a distância sem o contato pessoal entre o emissor e o receptor”.⁶

Com intensa leitura de livros e artigos sobre os estudos de Hertz e de Branly, o padre brasileiro Roberto Landell de Moura realizou em 1893 sua primeira transmissão e recepção de sons por meio de ondas eletromagnéticas. Em 1901 Landell recebe do governo brasileiro o registro de inventor do “aparelho destinado a transmitir palavras a distância, com ou sem fios, através do espaço, da terra e do mar”. Em 1904, Landell obtém três cartas patentes do governo dos Estados Unidos: para um telegrafo sem fio, um telefone sem fio e um transmissor de ondas. Pesquisadores afirmam que mesmo com a obtenção da patente, faltou apoio para comercialização do aparelho.

Nessa época os pesquisadores tiveram dificuldades para transmitir sons sem o uso de fios, como explica Ferrareto: “A voz humana necessita de uma certa estabilidade no fluxo das ondas eletromagnéticas, somente obtida em 1906, quando o norte-americano Lee De Forest, com base no diodo inventado dois anos antes pelo inglês John Ambrose Fleming, desenvolve o triodo ou válvula amplificadora, que aumenta as características do sinal, estabilizando-o”. (Ferrareto, 2001, p. 85-86)

Segundo Ferrareto, a primeira transmissão comprovada e eficiente ocorreu na noite de 24 de dezembro de 1906 quando o canadense Reginald A. Fessenden utilizou um alternador desenvolvido pelo sueco Ernest Alexanderson e transmitiu o som de um

⁶ FERRARETO, Luiz Artur. **Rádio, o veículo, a história e a técnica**. 2ª edição. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2001. p. 80.

violino, de trechos da Bíblia e de uma gravação fonográfica. “Da estação em Brant Rock, Massachussetts, as emissões foram ouvidas em diversos navios na costa norte-americana”. (Ferrareto, 2001, p. 86). No entanto, o pioneirismo de Fesseden é questionado por diversos autores que afirmam que os mesmos experimentos já estavam sendo realizados com sucesso em outros lugares. Eduardo Meditsch, por exemplo, diz que nos Estados Unidos, o imigrante croata Nikola Tesla, engenheiro responsável por várias outras invenções, como a transmissão de energia elétrica por corrente alternada e o controle à distância (No Brasil, controle remoto), realizou a transmissão sem fio de um sinal sonoro em 1893.

Ferrareto e Eduardo Meditsch concordam que a obtenção da tecnologia necessária para transmitir sons usando ondas eletromagnéticas não significa o surgimento do rádio. “Mais do que tudo. Representa o advento da radiotelefonia”. (Ferrareto, 2001, p. 88). Segundo ele, o uso do que se convencionou denominar como rádio surgiu somente em 1916, quando o russo radicado nos Estados Unidos David Sarnoff prevê as possibilidades da utilização da tecnologia da época para criação de um novo produto. Surge então nos Estados Unidos a primeira emissora de rádio a obter licença comercial para funcionar, a empresa KDKA, que começa com as transmissões em 2 de novembro de 1920, na cidade de Pittsburgh. “Convém lembrar que a rádio KQW, de San José, na Califórnia, reivindica o pioneirismo nos Estados Unidos, tendo começado suas transmissões regulares em 1912”, diz Ferrareto. (Ferrareto, 2001, p. 89). O início da década de 20 foi marcado pela briga nos Estados Unidos por patentes da radiodifusão sonora. A primeira rede norte-americana surgiu em 15 de novembro de 1926, a Nacional Broadcasting Corporation (NBC). O número de cadeias de emissoras multiplicou nos Estados Unidos, onde o progresso da radiodifusão sonora correu mais rápido que na Europa e no restante do mundo.

Breve histórico do rádio brasileiro

A Rádio Sociedade do Rio de Janeiro marcou o início da trajetória da radiodifusão sonora no Brasil, sendo a primeira emissora regular. Antes, no entanto, foi fundada a Rádio Clube de Pernambuco, em Recife por um grupo de jovens da elite, em 6 de abril de 1919. A primeira transmissão ocorreu de modo irregular em 17 de outubro

de 1923. A Rádio Sociedade do Rio de Janeiro foi fundada em 20 de abril de 1923 pelo professor Roquette Pinto, que defendia a necessidade de transmitir educação e cultura por meio do rádio. As primeiras transmissões da emissora foram marcadas por conferências científicas, música erudita e análise dos fatos políticos e econômicos. Nos primeiros anos de funcionamento funcionava sem uma programação definida. O clima de improviso era característica da imprensa da época. Somente seis meses depois a rádio tem uma seqüência de programas mais organizados. No início a elite foi mais privilegiada, pois tinha condição de mandar buscar os receptores no exterior, com alto custo.

As duas primeiras décadas do século XX no Rio de Janeiro foram marcadas por uma modernização urbana. Em meio a tantas mudanças, Roquette Pinto tenta introduzir a idéia do rádio como veículo voltado para a difusão cultural. Conferências, músicas e análise de fatos políticos e econômicos passam a fazer parte da pauta da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro.

É na Rádio Clube do Brasil que se percebe as possibilidades de obter lucro com o rádio. A emissora foi fundada em 1º de julho de 1924 por Elba Dias, um dos técnicos que ajudou na estruturação da Rádio Sociedade. Segundo Ferrareto, a Rádio Clube do Brasil foi uma das primeiras emissoras a obter autorização para transmitir publicidade. Nela surge aos poucos apresentação de músicas populares, programas e comunicadores.

O início da década de 30 é marcado pelo surgimento de emissoras em diversos Estados brasileiros, quando a publicidade é regulamentada, em 1932. Nessa época, o rádio tomou conta dos Estados da Bahia, Ceará, Maranhão, Minas Gerais, Pará, Paraná, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo.

Após os anos 30 o rádio começa a se estruturar como veículo de comunicação e busca constantemente anunciantes e público. De acordo com Ferrareto, é nessa época que o veículo adquire importância política e estratégica. “Estavam lançadas as bases para sua configuração como indústria cultural”, afirma Ferrareto. (FERRARETO, 2001, p. 103)

Ainda na década de 30, surge a Rádio Record, em São Paulo como proposta de uma emissora em busca do lucro. Mais tarde, a Mayrink Veiga, no Rio de Janeiro, passa a dominar o mercado radiofônico.

É nesse período que um ex-vendedor de receptores de rádio Adhemar Casé observa uma grande diferença entre as rádios norte-americanas NBC e a britânica BBC, que conseguia captar em ondas curtas pelo Brasil, em relação ao rádio brasileiro.

“O amadorismo das rádios daqui não permitia uma dinâmica maior. Quando um músico ia se apresentar, o *speaker* anunciava o número e, depois, desligava o microfone, para que pudessem afinar os instrumentos e até fazer um rápido ensaio. Enquanto isso, o ouvinte ficava totalmente abandonado. Já nos programas americanos, o som não parava. Era uma dinâmica maravilhosa”, afirma Casé.⁷

Em 14 de fevereiro de 1932 o diretor da Rádio Philips, emissora montada em 1929, no Rio de Janeiro, Augusto Vitoriano Borges afirmou: “A Rádio Philips do Brasil, PRAX, vai começar a irradiar o programa Casé”. (Ferrareto, 2001, p. 106). Um dos atrativos do programa era a valorização da publicidade. É nele que surge o primeiro jingle do Brasil, criado pelo compositor, radialista e desenhista Antônio Gabriel Nássara para a padaria Bragança.

A influência do rádio também desperta interesse dos políticos. “É, no entanto, o regime implantado em 1930 que vai transformar o veículo em instrumento ideológico”, afirma Ferrareto (FERRARETO, 2001, p. 107).

Em 22 de julho de 1935 o governo cria o programa “Hora do Brasil” com transmissão de informações, pronunciamentos e música popular. O objetivo era divulgar realizações do governo. Com a ditadura, o programa torna-se obrigatório com veiculação de segunda a sexta-feira, das 18h 45 às 19h30. Dois anos depois a programação radiofônica no Brasil passa a ser controlada com censores em cada emissora. Em 6 de setembro de 1946 o programa transforma-se na “Voz do Brasil”.

⁷ FERRARETO, Luiz Artur. **Rádio, o veículo, a história e a técnica**. 2ª edição. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2001. p. 106.

Alô, alô, Brasil! Está no ar a Rádio Nacional do Rio de Janeiro!

Responsável pela primeira radionovela e o principal noticiário do Brasil, a Rádio Nacional do Rio de Janeiro iniciou as transmissões em 12 de setembro de 1936. No início, utilizou um transmissor de 25 kw. A programação inicial era baseada em apresentações de artistas ao vivo e radioteatro. Nessa época havia 65 emissoras de rádio no Brasil, sendo que 12 estavam no Rio de Janeiro e oito em São Paulo.

A época ficou conhecida como a era de ouro do rádio, considerado o marco da mais séria transformação da radiodifusão brasileira.

Segundo Ferrareto, o primeiro programa montado surge no final da década de 30 na Rádio Nacional do Rio de Janeiro. “Curiosidades Musicais”, criado por Henrique Fôreis Domingues, é resultado de uma mistura, de forma organizada, de música e texto. Sérgio Cabral, no entanto, defende o programa Casé como primeiro resultado da idéia do que se chamaria de programa.

“Foi (...) naquele programa que o rádio brasileiro teve o seu primeiro programa produzido, ou seja, montado segundo o estilo norte-americano, com roteiro especial e com a participação de cantores, instrumentistas, locutores e radioatores. Foi do radialista Almirante a iniciativa de ocupar uma parte do *Programa Casé* com um tipo de programa que, poucos anos depois, seria adotado por todas as grandes emissoras brasileiras”, afirma Sérgio Cabral. (Ferrareto, 2001, p. 111).

Em 1940, o presidente chefe do Estado Novo decreta a encampação da empresa “A noite” à qual pertencia a Rádio Nacional. Assim, a Nacional passa a desenvolver uma forte estratégia de conquista de mercado e passa a reinvestir os recursos da publicidade na própria Nacional. “Ainda em 1940, por exemplo, contrata todo o elenco musical da Mayrink Veiga. O faturamento crescerá ano a ano”, afirma Ferrareto. (Ferrareto, 2001, p. 113)

A busca pela audiência também marcou a década de 40, quando a concorrência se intensificou.

Chegam as primeiras radionovelas do Brasil

No dia 1º de junho de 1941 surge a primeira radionovela transmitida no Brasil. Composta por 284 capítulos escritos pelo cubano Leandro Blanco e traduzidos por Gilberto Martins, a novela foi transmitida durante quase dois anos pelas manhãs de segunda, quarta e sexta-feira. No mesmo ano, começou a ser transmitida a primeira radionovela criada no Brasil. *Fatalidade*, de Oduvaldo Viana, na Rádio São Paulo. Baseada em uma série de cenas românticas, temáticas, comum ao gênero. O enredo era simples e conservador, como explica Ferrareto: “Até os últimos capítulos, o bem predominaria sobre o mal com a punição ou arrependimento daqueles personagens que haviam se desviado do comportamento socialmente aceito pela moral vigente na época”. (Ferrareto, 2001, p. 119).

Em 1945 a Nacional já transmitia 14 produções, aumentando os turnos por dia. Seis anos depois vai ao ar “O direito de nascer”, com 260 capítulos sobre a trama de uma mãe solteira que tem de abandonar o filho. A novela ficou no ar de oito de janeiro de 1951 a 17 de setembro de 1952.

Era de ouro

A década de 30 e 40 também foi marcada pelo surgimento de programas de auditório e humorístico. Além da programação voltada ao entretenimento, a cobertura esportiva também ganha espaço.

O radiojornalismo se estrutura na Segunda Guerra Mundial com a chegada do *Repórter Esso*, no dia oito de agosto de 1941. Patrocinado pela Esso Brasileira de Petróleo, o noticiário era apresentado em diversas emissoras com horários variados. Na Nacional, por exemplo, o *Repórter Esso* chegou a ser transmitido em cinco edições diárias de segunda-feira a sábado, às 8h, 12h55, 18h30, 20h25 e 22h05 e duas aos domingos, às 12h55 e 20h55.

A última edição do *Repórter Esso* foi lida no dia 31 de dezembro de 1968 por Roberto Figueiredo. O *Repórter Esso* ficou 27 no ar e deixou o modelo de síntese noticiosa como herança. O texto era direto, corrido, ágil e bem estruturado.

Ih! Chegou a TV...

A TV Tupi, de São Paulo começa suas transmissões em 18 de setembro de 1950. Isso significaria um período de mudanças para o rádio brasileiro. Com o tempo, a Nacional começa a perder seus profissionais para o novo veículo. Saem de cena os auditórios acompanhados da publicidade e o rádio passa a conceder mais espaço para música, notícia e prestação de serviços.

Com a perda decorrente do novo meio de comunicação, o rádio é obrigado a optar por um caminho diferente: o transistor. O novo componente eletrônico facilitou a vida do ouvinte.

Em 1959 surge no Jornal do Brasil um novo tipo de programa no rádio brasileiro: os serviços de utilidade pública. Esse tipo de serviço se multiplica no final da década de 60. Surge também a Frequência Modulada (FM) com alteração na qualidade de som. Com o tempo, esse tipo de rádio passa a se especializar em música.

A partir daí multiplica-se o número de emissoras no país com diversos segmentos. O diretor da Rádio Aparecida de São Paulo, Pe. César Moreira explica este momento: “A disputa pela audiência e verbas publicitárias é cada vez mais acirrada e as formas de atingir os ouvintes variam desde o popularesco (prêmios, promoções), a especialização (jornalismo, religião, gêneros musicais definidos nas FM) até a venda de horários, o que faz da rádio uma colcha de retalhos”.⁸

Segundo Marshall McLuhan, um dos efeitos da televisão sobre o rádio foi o de transformá-lo de um meio de entretenimento numa espécie de sistema nervoso da informação. Com a chegada da TV, o rádio passou a ter notícias, hora certa, informações sobre o tráfego e informações sobre o tempo agora. Para McLuhan, a mudança serviu para enfatizar o poder nativo do rádio de envolver as pessoas umas com as outras. “Como a TV aceitou o encargo da cadeia central derivado de nossa organização industrial centralizada, o rádio passou a ter liberdade de diversificação, prestando serviços locais e regionais que antes não conhecera, mesmo nos primeiros tempos dos amadores de rádio-galena. Com a TV, o rádio se voltou para as necessidades individuais do povo, em diferentes horas do dia, bem em sintonia com a

⁸ HARTMANN, Jorge. MUELLER, Nélon. **A comunicação pelo microfone**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. p. 19)

multiplicidade de aparelhos receptores nos quartos, banheiros, cozinhas, carros e agora bolsos”.

Radiobrás – Breve histórico

A Lei nº 6.301, de 15 de dezembro de 1975 institui a política de exploração de serviço de radiodifusão de emissoras oficiais e autoriza o Poder Executivo a constituir a Empresa Brasileira de Radiodifusão (Radiobrás). De acordo com a lei, a Radiobrás foi criada com a “missão de desenvolver a integração nacional, atendendo as regiões de baixa densidade demográfica e reduzido interesse comercial e às localidades julgadas estrategicamente importantes para a integração nacional”. Naquela época, as transmissões em ondas curtas foi um problema para a ditadura, em especial no norte do país, onde existiam poucas rádios. “Além da programação proveniente de partidos comunistas, podiam ser captadas emissões como as da BBC de Londres que fugiam a censura imposta pelos militares”.

Atualmente, a Radiobrás administra cinco emissoras de rádio (Nacional AM, de Brasília; Nacional FM, de Brasília; Nacional AM, do Rio de Janeiro e Nacional do Brasil e da Amazônia, ambas em ondas curtas). A empresa possui também duas emissoras de TV (TV Nacional, canal 2, de Brasília; a NBR), uma agência de notícias (Agência Brasil), uma Radio Agência, além de liderar cadeias obrigatórias do Executivo, Legislativo e Judiciário e o radiojornal Voz do Brasil.

A Empresa possui, ainda, o maior complexo de transmissores e antenas de radiodifusão em ondas médias e curtas da América Latina, localizado no Parque do Rodeador, no Distrito Federal.

A Radiobrás já foi vinculada aos Ministérios das Comunicações e da Justiça e, desde 1992, está ligada à Presidência da República por meio da Secretaria de Comunicação de Governo e Gestão Estratégica. Hoje, a Radiobrás é uma empresa pública de comunicação e tem como objetivo veicular informações sobre Estado, governo e vida nacional. De acordo com a 4ª versão do Manual de Treinamento e Ambientação da Radiobrás, de 2002, a missão da empresa é desenvolver a integração nacional, atendendo regiões de baixa densidade demográfica e reduzido interesse comercial.

SURGE UMA RÁDIO PARA A AMAZÔNIA...

No início da década de 70, militantes do Partido Comunista do Brasil (PCdoB) organizavam um movimento guerrilheiro que, de 1972 a 1974, enfrentou as forças armadas. Havia nessa época uma crescente invasão de rádios estrangeiras na região norte do país como venezuelanas, peruanas e colombianas, que levava como consequência uma transformação da cultura e identidade brasileira.

De acordo com Ferrareto, a transmissões em ondas curtas servia como uma arma naquela época. Na região norte podiam ser captadas emissões como as da BBC de Londres que fugiam a censura imposta pelos militares. A radiodifusão era então estratégia para o governo militar. Na década de 70, a Amazônia Legal correspondia a uma área de 3 milhões, 578 mil e 500 km² e era composta pelos Estados do Acre, Amazonas, Pará, Rondônia e Amapá. A população da Amazônia Legal totalizava em 4 milhões, 214 mil e 560 habitantes. Nessa época, somente as rádios de pequeno porte atingiam os Estados da Amazônia Legal. Na região, existiam 31 rádios e poucas tinham mais de 10 KW de potência, o que significa que eram captadas em zonas próximas dos transmissores.

No início, a Radiobrás percebeu a necessidade de abastecer a população com informações direcionadas para a região e elaborou uma programação especial para a Amazônia Legal que era transmitida diariamente, das 16 às 21 horas. A empresa tinha um transmissor de 250 kw de potência instalado na Rádio Nacional de Brasília. Por isso, a Radiobrás suspendeu suas transmissões para o exterior e mudou a direção da antena para a região Norte. Surge então a Rádio Nacional da Amazônia ainda com o nome de Núcleo de Programação para a Amazônia (Nupa). O objetivo era integrar e valorizar o(a) cidadão(ã) da região amazônica e de integrar a Amazônia Legal ao resto do país. Assim, no dia 1º de setembro de 1977, iniciam as transmissões em ondas curtas para a Amazônia. A transmissão era feita na frequência de 11.780 KHz, com potência de 250 KW durante três horas e meia por dia. No início, a produção era composta por uma equipe de 30 pessoas, que enfrentou dificuldades na criação de programas devido a diversidade de público, sua dispersão pelo território e desconhecimento das características do ouvinte. Em decorrência disso, foi feita uma

pesquisa pelo Projeto Rondon, na qual foram aplicados 150 mil questionários em Goiás, Mato Grosso, Amazonas, Acre e Pará, para determinar o perfil do ouvinte a ser atingido. Esse público foi conceituado como rural, sem acesso aos meios de comunicação de massa e com pouca informação. Logo após o início das transmissões, a rádio também estimulava os ouvintes a participar dos programas por meio de cartas.

Quando a rádio foi inaugurada, o número de cartas não ultrapassava 90 em cada mês. Após um ano, esse número subiu para 2000. As cartas demonstravam a satisfação dos ouvintes de serem atendidos pela rádio. Uma das cartas recebidas foi a do indígena Getulio Silva Macurapi, que demonstrou a satisfação com o veículo. “Meu rádio estava no concerto, mas agora meu rádio está bom e todos os dias estou ligado no seu programa. Fiquei muito contente com a resposta da carta. Pensei que eu nunca fosse atendido porque o índio manso não tem valor aqui no território de Rondônia”.⁹

A programação da emissora contava com seis programas distribuídos em *Seleção Musical*, que veiculava sucessos do momento, *Cantigas de Toda Gente*, que divulgava a música folclórica e regional com explicações do significado das canções, origem e importância cultural, *Alfabeto Musical*, que falava de compositores(as), cantores(as) com apresentações de músicas da época e do passado e *Viajando pelo Brasil*, que transmitia informações sobre a economia, riquezas e história de regiões, estados e municípios. A *Revista da Semana* e o *Clube do Ouvinte e pergunte o que quiser* também faziam parte da programação. O primeiro era veiculado aos sábados e falava sobre acontecimentos ocorridos durante a semana, com entrevistas especiais e comentários. Já o segundo era um espaço dedicado a participação dos ouvintes, com sugestões e pedido de informações.

As primeiras notícias foram transmitidas em março de 1978. Em novembro do mesmo ano a Rádio Nacional da Amazônia já possuía 19 programas, distribuídos no decorrer da semana e transmitidos por 8 horas e 55 minutos diariamente. A programação precisou ser reformulada. Houve alterações e ampliações de programas na grade da emissora.

⁹ As aspas do indígena Getulio Silva Macurapi constam em um pequeno relatório sobre a Rádio Nacional da Amazônia fornecido pela atual gerente, Taís Ladeira. Não há informações para qual programa o indígena escreveu.

O sistema de comunicação da região era precário e por isso a Rádio tinha papel fundamental no fornecimento de informações. Os programas serviam como utilidade pública, com localizações de pessoas desaparecidas, informações sobre as estradas e rodovias e participações de autoridades para o esclarecimento de diversos assuntos como saúde, agricultura e família.

Em dezembro de 1979 a programação aumentou para 10 horas diárias com radionovelas, informações agrícolas, avisos de campanhas nacionais de saúde, programas infantis e sertanejos. O volume de cartas já era superior a 9 mil por semana e continham pedido musical, dúvidas sobre saúde, denúncias de problemas fundiários, desabafos de solidão e desejo de conhecer outras pessoas.

Em 1985, a programação da rádio era transmitida das 5h às 24h, de segunda a sexta-feira, de 5h às 23h aos sábados e de 6h às 23h aos domingos. A rádio já contava com 22 programas que eram revezados entre os 12 apresentadores. Em 2001, a grade de programação da rádio se divide em 12 programas variados sobre educação, informação e entretenimento.

Assim a emissora completa 28 anos de existência com transmissões diárias de 5h à 0h para mais de 14 milhões de habitantes dos Estados da região Norte, além do Maranhão, Piauí, Bahia, Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás. Dividida hoje em 26 programas, a emissora leva por meio de programas jornalísticos, educativos e culturais, informações sobre a vida cotidiana das comunidades locais para moradores das áreas rurais, ribeirinhas e fronteiriças, onde outros veículos de comunicação têm dificuldade de acesso. Parte da programação atual é elaborada com base em informações recebidas por cartas, telefonemas e agências de notícias.

Atualmente 30 pessoas trabalham na Rádio Nacional da Amazônia. Dentre elas, programadores musicais, locutores, produtores, jornalistas, operadores, estagiários, além de uma pessoa responsável pela correspondência, uma administradora e a gerente.

A História do Dito Gaioleiro, a primeira radionovela da Amazônia!

Como não poderia deixar de ser, a radionovela também fez parte da vida dos moradores da região amazônica. Criada em 1979 pela locutora Helena Bortone, as radionovelas eram um sucesso porque os personagens tinham a personalidade que os ouvintes quisessem. O jornalista Décio Calderas também escreveu e produziu até 1985. Com a morte de Décio, a radialista Artemiza Azevedo assume o papel de escritora e produtora de radionovelas. As tramas se dividiam em histórias de amor, vingança, folhetins educativos e sonhos, angústias e desejos comuns a realidade dos ouvintes relatados em milhares de cartas recebidas pela Nacional.

As gravações eram feitas numa pequena sala utilizada por todos os programas da Amazônia. Para execução do trabalho, ocorria de até 10 pessoas ficarem no estúdio ao redor de uma mesa. Em pé, os radioatores e as radioatrizes se revezavam em dois microfones para interpretar as falas. A *História do Dito Gaioleiro* foi a primeira radionovela da Nacional da Amazônia. A estréia foi em janeiro de 1980 e contou com a participação de oito atores. A novela trata de três crianças de aproximadamente nove anos, dois meninos e uma menina que passaram as férias juntas e viveram uma experiência inesquecível. Um dos garotos era Dito Gaioleiro, que morava no campo e era craque em fazer gaiolas e armar arapucas para pegar passarinhos. Encontraram na mata um “Nêgo Véio” temido pela fama de feiticeiro. Com os truques mágicos ele fez as três crianças embarcar no mundo animal para fazer entender e respeitar a vida animal. *A Vida pede passagem: uma história de luz* também foi uma das novelas de maior sucesso. Produzida pela jornalista Mara Régia a novela falava do sofrimento das mulheres da floresta durante a gestação. A novela foi ao ar em março de 2000 em cinco capítulos de cinco minutos cada e contava com a participação de uma ginecologista e obstetra que procurava humanizar o parto. A estimativa da Nacional da Amazônia é de que a novela tenha sido acompanhada por sete milhões de ouvintes nos nove Estados da Amazônia Legal.

Com o tempo, o ritmo diminuiu e as novelas acabaram assim que os profissionais da Rádio Nacional da Amazônia mudaram de prédio. A produção foi suspensa só retornando em 2003 com a produção de duas mini novelas sobre campanhas institucionais. *O sol nasce para todos* e *Despertar de um coração* fizeram

parte, respectivamente, da campanha pelo registro civil de nascimento e de combate à violência contra a mulher.

Atualmente, a Nacional da Amazônia disponibiliza no site da Radiobrás as reprises das radionovelas da Nacional da Amazônia e da Nacional do Rio de Janeiro.

ALÔ GENTE AMIGA DESSA AMAZÔNIA!! ESTÁ NO AR O PONTO DE ENCONTRO!

O programa Ponto de Encontro foi criado em 1985 com o objetivo de atender as necessidades de ouvintes da região amazônica, especificamente possibilitar o reencontro de familiares desaparecidos. Nessa época a Rádio Nacional da Amazônia recebia cerca de 10 mil cartas por mês. De acordo com jornalista Sula Seviles, criadora e apresentadora do programa, 50% das cartas tinham como objetivo reencontrar familiares desaparecidos.

“A Amazônia é uma região com um perfil completamente diferenciado das outras regiões. As pessoas saíam dali para outros Estados em busca de trabalho e daí nunca mais mandavam notícias. Por outro lado, tinham também as famílias que vinham do Sul para colonizar a Amazônia, principalmente nos Estados de Rondônia, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Pará, onde houve uma corrida grande para Serra Pelada. Serra Pelada teve 60 mil garimpeiros que queriam passar recados para suas famílias em outros Estados. Eles escreviam para a gente buscando notícias deles”.¹⁰

O Ponto de Encontro nasceu a partir da alta demanda de cartas que a Rádio Nacional da Amazônia recebia. No teor, havia desde pedidos de ajuda para reencontrar familiares desaparecidos até pedidos de música e denúncias da região. Sula Seviles explica como surgiu a idéia de criar o programa: “A Rádio Nacional começou a ver que precisava dar vazão a esses recados. Muitas cartas chegavam e a gente lia os recados de todos os programas, mas sempre sobrava, sempre sobrava até que foi criado o Ponto de Encontro justamente para divulgar esses recados, que vinham não só de cartas, mas também por telefone”.

Desde a criação do programa, Sula fez as apresentações durante um ano. Em 1986, passou a apresentar na companhia do radialista Maurício Rabelo, que trabalhou no programa até 1999. No ano seguinte, Sula passa a trabalhar no radiojornal Voz do Brasil e a Rádio Nacional da Amazônia ficou fora do ar nos transmissores, funcionando

¹⁰ Sula Seviles em entrevista à autora desta monografia em 4 de abril de 2006.

apenas por satélite. Nesse período Maurício Rabelo volta a apresentar o Ponto de Encontro e fica até 2002, quando foi eleito deputado. A partir daí, o radialista Carlos Moreira apresenta o programa até abril de 2005, data em que Sula reassume o Ponto de Encontro. Nessa época a Radiobrás passava por uma mudança do plano editorial, que como consequência, gerou uma alteração na programação da Rádio Nacional da Amazônia e no próprio Ponto de Encontro. A direção da Radiobrás elaborou uma estratégia editorial expressa na concentração da comunicação em jornalismo na cobertura do espaço público político, delimitado pelo triângulo cujos vértices são o Governo, o Estado e a Cidadania. “Em razão dessa mudança, a gente teve que incluir no programa também um jornalismo expandido, entrevistas com assuntos importantes e relevantes para a região. Então passamos a incluir na primeira hora do programa a participação de repórteres da Agência Brasil, da Radiobrás, e também uma entrevista com assunto de interesse local lá da Amazônia”, conta Sula.

O Ponto de Encontro é um dos programas mais antigos ainda no ar. Atualmente, é veiculado de segunda-feira aos sábados na Rádio Nacional da Amazônia, de 10 às 12 horas. A primeira hora é composta de informações jornalísticas e conta com a participação cerca de cinco repórteres da Agência Brasil (esse número varia dependendo da importância das notícias e da disponibilidade dos repórteres) que entram ao vivo com boletins sobre política, assuntos que dizem respeito ao cidadão comum e que tratam da região amazônica. A empresa também tem uma correspondente em Manaus (a jornalista Taís Brianézi) que passa diariamente informações sobre o que acontece na Amazônia. Sula Sevilles e a produtora do programa, Adriana Shimoda, observam diariamente a pauta da Agência Brasil para escolher os repórteres que vão participar do programa, além da Taís Brianézi.

Com exceção de sábado, uma entrevista é feita diariamente de 10h30 às 11 horas com autoridades ou representantes de comunidades locais sobre temas atuais que envolvem a Amazônia. O critério para escolha do entrevistado é feito da mesma maneira que a escolha da pauta dos repórteres. As cartas (e telefonemas) recebidas pelo Ponto de Encontro também ocupam uma importância na escolha do entrevistado. É com base nelas que a produção do programa tenta falar com alguém que possa responder a dúvida do ouvinte durante a entrevista.

Se um ouvinte manda uma carta pedindo informações sobre a instalação de energia elétrica gratuita pelo governo em seu município ou assentamento, o programa entra em contato com o órgão responsável pelo benefício, que, no caso, é o Ministério de Minas e Energia, para esclarecer as dúvidas. Várias são as temáticas das entrevistas que vão desde questões ligadas a terra, saúde, aposentadoria até programas do governo, a exemplo do Bolsa Família e Luz Para Todos. Sula explica que as cartas são fundamentais para a escolha do que vai ao ar. Para ela, a entrevista tem papel importante na mudança da rotina da população amazônica. “A realidade que a gente vive aqui em Brasília, em geral nos grandes centros, é uma realidade completamente diferente da realidade de lá. Eles se unem para ouvir o rádio. A partir da informação que eles ouvem, eles passam a traçar novos rumos para as suas vidas. Tentam melhorar a qualidade de vida deles. Muitas pessoas vivem do que a terra dá e muitas vezes não sabe o que fazer com a plantação. Às vezes vivem numa propriedade que, por exemplo, dá mandioca e não sabe o que fazer com ela. Aí o vizinho também planta mandioca e acaba jogando fora. A partir do momento em que ouvem no rádio que eles podem dá um jeito de uma vez por semana pagar para um carroceiro levar até a cidade mais próxima para vender, aquilo pode gerar um dinheiro para eles. Isso é informação que eles pegam aqui. A gente informa e incentiva a procurarem, por exemplo, um maquinário para beneficiar o que está colhendo. Então a nossa rádio é direcionada dessa forma”, explica Sula.

A segunda hora do programa, de 11h às 12h, é dedicada a participação ao vivo do ouvinte, que liga no estúdio da Nacional da Amazônia para passar um recado ao vivo. Eles procuram seus familiares e passam recados e informações a familiares e amigos que moram longe. O Ponto de Encontro consegue colocar no ar cerca de 25 ligações por dia. Mas nem todos os ouvintes conseguem falar ao vivo. Para atender a demanda, existe a Central do Ouvinte, que conta com o trabalho de duas pessoas que atendem uma média de 20 recados por dia dos ouvintes que não conseguem falar ao vivo. Os recadinhos que passam pela Central do Ouvinte são repassados para Sula Sevilles ler durante o programa.

Não há dados sobre o número de ouvintes e nem do perfil exato. Segundo Sula Sevilles, o público é variado, mas normalmente são moradores de zona rural,

seringueiros, garimpeiros, quebradeiras de coco, associações de mulheres, de trabalhador rural, e principalmente artesão. “Nós temos ouvintes desde crianças até pessoas de 60, 70 anos”, conta.

Assim, a demanda pela busca de reencontro de familiares chega tanto por meio de cartas como por telefone. Segundo Sula, houve alterações no programa, mas o objetivo sempre foi encontrar pessoas desaparecidas. “O caráter social da rádio dentro daquela região é indiscutível porque naquela região o acesso aos meios de comunicação ainda não é tão bom. No programa é onde as pessoas nos procuram e nós temos histórias muito interessantes. Tem uma história, por exemplo, de uma moça que reencontrou sua mãe biológica. Ela nem conhecia a mãe biológica. Ela encontrou. Ela com 23 anos de idade. Ela anunciou pela rádio que estava procurando sua mãe biológica e a mãe biológica entrou em contato com ela. Temos muitos casos”, conta Sula.

Segue abaixo a estrutura atual do programa e o modelo do espelho utilizado diariamente pela produção.

**Espelho do Programa Ponto de Encontro
(15-5-06)**

10h – Repórter Priscila Mazenotti (Palácio do Planalto) [Ao vivo](#)
Agenda do presidente Lula
Telefones do repórter

10h10 – Repórter Luciana Vasconcelos (Congresso Nacional) [Ao vivo](#)

10h15 – Repórter Juliana Andrade (Repórter em Ação – da Redação) [Ao vivo](#)

10h20 – Repórter Benedito Mendonça (assunto) [Ao vivo](#)

10h30 às 11h – **Entrevistado:** secretário nacional de segurança alimentar e nutricional do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, Onaur Ruano. [Ao vivo](#)

Assunto: Programa Leite Fome Zero
Telefones para contato

11h às 12h – Participação do ouvinte [ao vivo](#)

Estrutura do programa:

10h: Abertura

VINHETA

1. Abertura: Sula Sevilles

2. Anúncio do que vai ao ar no dia. A locutora anuncia o tema da entrevista do dia e entrevistado e explica o motivo da entrevista.

10h02: Leitura dos recados de cartas recebidas pela produção. Respostas de recados

1. SOBE SOM

MÚSICA

10h10 às 10h25: Participação da correspondente em Manaus, Taís Brianézi e de repórteres da Agência Brasil, todos ao vivo.

Sula anuncia hora certa nos intervalos das participações

1. SOBE SOM

MÚSICA

2. Obs.: Para cada notícia uma vinheta.

10h28 às 10h30: Leitura de cartas e respostas aos ouvintes

1. Sula anuncia hora certa

10h30 às 11h: Entrevista

1. Sula faz comentários sobre a entrevista feita e leitura de cartas que pedem música e de avisos recebidos pela Central do Ouvinte.

2. SOBE SOM

MÚSICA

3. Sula anuncia hora certa

4. INTERPROGRAMA GRAVADO "VIVA MARIA"

MARA RÉGIA

11h às 12h: Participação do ouvinte ao vivo

Cartas dos ouvintes

Este capítulo faz a análise de cartas recebidas pela Rádio Nacional da Amazônia e como os ouvintes o utilizam para satisfazer determinadas necessidades. Foi feita

análise de conteúdo sobre quatro cartas e observação da produção da rádio no que se refere às cartas, desde o recebimento até o trabalho final. Além desses dados qualitativos, os gráficos de cartas recebidas pela Nacional da Amazônia e dados demográficos sobre a região, emitidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), foram fundamentais para as conclusões. Vale lembrar que os dados quantitativos revelam uma realidade demográfica e ajudam a interpretar o discurso e compreender a situação de uma forma mais ampla. A análise das cartas retrata o papel da rádio, objeto aqui estudado. Segundo Robert MCLeish as cartas indicam algo dos indivíduos que se sentem motivados a escrever, onde eles moram, talvez seus interesses, o que os levou a pegar uma caneta, ou que querem em troca. Ele lembra que toda carta tem uma razão e que deve ser lavada a sério.

“As pessoas escrevem para as emissoras de rádio para tornar pública determinada questão, ou para receber uma resposta imbuída de autoridade. Uma carta não é apenas um combustível para o programa, mas merece o mesmo nível de consideração dado pelo remetente. Isso se torna ainda mais importante no caso de transmissões de ondas curtas ou a longa distância”.¹¹

Vale ressaltar que não se busca aqui a evidência empírica da audiência do programa Ponto de Encontro, uma vez que não há como medir esse dado sob número de cartas recebidas, como lembra RobertMCLeish: “Vários estudos já demonstraram que não há nenhuma correlação direta entre o número de cartas recebidas e o tamanho ou natureza do público/ ouvinte. É errado pensar que uma carta representa milhares de outros ouvintes. Isso indica que há mais ouvintes mulheres do que homens? Não necessariamente. Talvez as mulheres tenham mais tempo, sejam mais letradas, mais motivadas ou tenham selos!” . (MCLEISH, 1999, p. 221-222)

Assim, o objetivo é demonstrar a função do programa na medida em que presta serviços para os ouvintes da Amazônia. Para MCLeish, a relação radialista/ ouvinte ou talvez emissora/ouvinte pode tornar-se mais real pela capacidade do radialista de responder à correspondência do ouvinte. Mas ele lembra que o apresentador do

¹¹ MCLEISH, Robert. **Produção de rádio. Um guia abrangente da produção radiofônica**. 4ª edição. São Paulo: Summus, 1999. p. 128.

programa não deve ler ou responder às cartas de maneira paternalista, mas sim como o faria um prezado amigo.

Para maximizar o envolvimento do ouvinte, várias cartas deverão ser lidas num único programa. Uma carta longa não poderá ser lida na íntegra, mas apenas os trechos importantes. Aquela que possui muitas perguntas não deverá monopolizar um programa, mas ser utilizada em partes, talvez em vários programas.

No caso do programa Ponto de Encontro, a apresentadora Sula Sevilles lê e responde durante o programa, que é ao vivo. Acontece de repetir informações diversas vezes a fim de buscar satisfazer a necessidade do ouvinte. Quanto à produção das cartas, Gaby Granado é responsável pela preparação do material que vai ao ar. As cartas geralmente são recebidas duas vezes por semana. Na há um dia preciso de recebimento, pois varia sempre de acordo com o a Empresa de Correios e Telégrafos (ECT). Mas assim que recebe, Gaby Granado faz uma leitura atenta das cartas e elabora o recado que vai ao ar. Além desse trabalho, ela realiza tabelas semanais e mensais com números de cartas recebidas pela Rádio Nacional da Amazônia e uma tabela mensal que contém número de cartas recebidas por programa, bem como uma tabela que divide as cartas por categoria. Essas categorias se dividem em recado (pedidos); pedido de música; correspondência (pessoas que querem trocar recados com outras pessoas. Este tipo de serviço foi extinto da rádio em abril de 2006); pauta (pedido de informações sobre determinado assunto, entrevista, etc); denúncia; sugestão; outros.

No mês de março de 2006, a Rádio Nacional da Amazônia recebeu 1222 cartas. Destas, 1118 corresponde aos Estados da Amazônia Legal e 104 de outros Estados brasileiros. O Estado do Pará teve o maior número de cartas recebidas, com 556 e o Amapá com quatro, o menor número. O Estado do Mato Grosso é o segundo do mês de março com maior número de cartas recebidas, de 240 e, em terceiro e quarto, respectivamente, Pará, com 107 e Maranhão, com 89. Dos outros Estados que não fazem parte da Amazônia Legal, a Bahia ficou com maior número de cartas, 48. Já os Estados de Alagoas, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul e São Paulo não constam cartas recebidas. Do Estado de

Minas Gerais 19 cartas foram recebidas, ultrapassando o número de três Estados da Amazônia Legal, Acre, com 17, Amapá, com 4 e Roraima, com 12.

A quantidade de cartas recebidas serve para “ilustrar” o objeto estudado. Não é o motivo de análise, mas pode ser considerado fato importante dada às dificuldades de se postar uma carta e a utilização dos telefonemas para realização do pedido, já que é um processo mais rápido porque a resposta é imediata. A jornalista Mara Régia ressalta a importância das cartas recebidas pelas comunidades da Amazônia:

“Uma coisa é receber carta da cidade, onde o correio está ali, o carteiro, papel e lápis, além de dinheiro para comprar selo. Outra é falar com comunidades ribeirinhas, onde só passa barco. Cada carta que recebo da Amazônia representa 200 telefonemas. O esforço que essa pessoa, muitas vezes analfabeta, teve que empreender para achar alguém que se disponha a escrever para ela, depois mandar a cartinha num barco, três ou quatro dias para chegar à cidade, botar no correio e chegar a Brasília... É muito valiosa essa resposta”.¹²

Segundo Gaby Granado, o Ponto de Encontro recebe o maior número de cartas na Nacional da Amazônia. No mês de março de 2006, o programa recebeu 278 cartas, sendo 248 dos Estados da Amazônia Legal e 30 de outros Estados brasileiros. “A maioria é de gente procurando gente”, afirma Gaby em entrevista à autora desta monografia.

Este capítulo faz uma análise de quatro cartas recebidas pelo Ponto de Encontro, objeto aqui estudado. A intenção é mostrar como as pessoas procuram a rádio para satisfazer suas necessidades e o que elas informam depois de encontrar a pessoa desaparecida. Vale ressaltar que não há dados concretos sobre o número de pessoas que reencontrou familiares. “Um ou outro envia carta falando que reencontrou. Às vezes eles se reencontraram e a gente nem sabe. Alguns também ligam aqui na produção agradecendo”, diz Gaby.

¹² Entrevista com a jornalista e radialista Mara Régia Di Perna, que também é produtora e apresentadora do programa Viva Maria, da Rádio Nacional da Amazônia. Radis nº 44 abril de 2006. **Rádio é ferramenta cidadã**. Texto disponível em <http://www.ensp.fiocruz.br/radis/44/04.html>

Existem várias maneiras de uma emissora ampliar seus serviços ao público, o que não pode ser feito apenas pela comunicação radiofônica. Uma dessas maneiras é a carta enviada pelo ouvinte. Assim, foram escolhidas as cartas como um dos objetos de análise justamente por terem uma relação com o objetivo principal do Ponto de Encontro, o de encontrar pessoas desaparecidas. A emissora pode procurar desenvolver uma relação ativa com seus ouvintes por meio da produção. Mas não são tarefas fáceis. Requer, portanto, o apoio de uma política de gerenciamento que entenda e valorize essa forma adicional de contato com o ouvinte.

O pedido de informações sobre familiares desaparecidos determina a importância do serviço para o ouvinte, que ao escrever e passar informações particulares demonstra confiança na credibilidade do veículo e, em especial do programa. Mesmo sabendo das dificuldades de encontrar o parente ou amigo desaparecido, eles acreditam no trabalho realizado pelo programa. Para muitos ouvintes, o rádio é a única alternativa de encontrar a pessoa desaparecida. Eles querem ter pelo menos uma informação se o desaparecido está vivo e se está bem.

O ouvinte Francisco Alves Lima, de Imperatriz (MA), pede, por meio da carta enviada a rádio, para encontrar o irmão, José. “O José que a muitos anos não sei notícias eu preciso encontrar. A última notícia que eu tenho ele estava em São Paulo junto com Maria Zaqueu e Joaninha, minhas outras irmãs. Mas ele sumiu de lá tem mais de 10 anos. Ele era conhecido antes por Zé-Branco. Os nossos pais se chamavam: Gabriel Vieira Lima e Isabel Alves Lima, naturais do Estado do Ceará. Portanto eu quero encontrá-lo e deixo meu contato em Imperatriz. No assentamento onde trabalho sou conhecido por Chico Branco”, disse Francisco. Por fim, ele afirmou: “Com certeza com a sua ajuda, repetindo este apelo pelo menos três vezes sei que vou encontrar meu irmão José. Quero deixar também o meu endereço para ele escrever: Rua Bom Jesus, 392. Bairro Santa Rita. Imperatriz (MA). Cep: 65919-000”.

Francisco também agradece a Sula por ter proporcionado o reencontro de um dos irmãos que tinha desaparecido, o Claudionor. “Olha Sula dos meus irmãos, dois tinham desaparecido, o José e o Claudionor, mas através deste importante programa ‘Ponto de Encontro’ eu já encontrei o Claudionor, que está em Altamira, no Pará”, diz Francisco.

Fica explícita a intenção de reencontrar um familiar desaparecido, assim como dado no exemplo em um dos irmãos que já foram encontrados. O encontro neste caso, está associado, a uma esperança e confiança que possuem junto ao trabalho realizado pelo programa.

Por meio de carta, Derivaldo de Bispo Pinto agradece a Sula por ter encontrado a irmã dele, a Violândia. “Sula. Estou te escrevendo esta carta para agradecer pelo encontro que você me proporcionou, por ter encontrado a minha irmã, que é a Violândia, lá do Pacajá, no Estado do Pará. Sula eu queria ter ligado, mas não pude”, diz Derivaldo. Na carta, ele explica que não ligou porque teve muitos problemas, mas que ficou feliz no dia em que recebeu a notícia que tinha encontrado a irmã. “Sula. Eu gosto tanto do seu programa que meu rádio queimou e eu fui logo comprar outro pra não ficar sem seu programa”. Ele também pede uma música e oferece para os amigos.

Na carta de Derivaldo, há um sentido heróico ao afirmar que o programa proporcionou o encontro, tão esperado por ele. Além disso, Derivaldo transmite a todo o momento a fidelidade que tem com o programa quando afirma “eu queria ter ligado, mas não pude” e “gosto tanto do seu programa que meu rádio queimou e fui logo comprar outro pra não ficar sem seu programa”, conta.

Ele conta que tem três irmãos e cinco irmãs, todos naturais do Ceará, mas residentes atualmente em Estados diferentes.

Na carta de Carmozina, há um pedido de informação sobre a pessoa desaparecida. Ela informa que “não tem informações” sobre os filhos “Sula eu estou escrevendo esta carta para procurar meus filhos, Manuel Barbosa da Silva e Antônia Barbosa da Silva. O Manuel morava numa fazenda no município de Ourilândia. Aí uns sem-terra invadiram e desde esse dia nunca mais ele deu notícias. Se ele tiver vivo, pede para ligar para esse número (94) 3433-2990 dando notícias. A Antônia, popular Toinha, eu tive notícias que ela mora aí mesmo em Brasília. Sula eu quero que passe esse recado durante um mês em toda emissora Radiobrás”, conclui. Assim também aparece na carta de Francisco Alves Lima: “O José que a muitos anos não sei notícias eu preciso encontrar”.

A ouvinte Nuzilene Santos Pereira, de São Félix do Xingú (PA), também pede, por meio de carta, para procurar os pais do marido dela, Francisco Freitas do

Nascimento. Segundo Nuzilene, Francisco não tem notícias dos pais, Luis Batista do Nascimento e Maria das Graças Lima Freitas, há 12 anos. Já a ouvinte Carmozina Fernandes de Lemes, escreve para procurar os dos dois filhos, Manuel e Antônia.

Por meio de observação, pode ficar claro que os ouvintes pedem ajuda nas primeiras linhas, justamente porque no decorrer do texto eles contam como perderam informações dos familiares. A categoria, atribuída ao objetivo do programa mostra claramente a intenção dos ouvintes.

Assim, o ouvinte recorre ao rádio com o intuito de utilizar um serviço. O objetivo principal das cartas, todas manuscritas e com linguagem coloquial, é o reencontro de familiares. Percebe-se que o pedido é feito a uma “autoridade” que eles acreditam que resolverá o problema. Apesar do pedido, os documentos relatam a importância que os ouvintes atribuem ao rádio e ainda a ausência do serviço por outros meios, bem como a carência de comunicação vivida na região amazônica.

Entretanto, os dados contidos nas cartas servem de base para o desenvolvimento de um estudo qualitativo. Antes, porém, é preciso avaliar a região em que esses ouvintes estão inseridos, como segue no capítulo seguinte.

Construção do instrumento de coleta de dados

Este capítulo faz uma análise do programa, levando em conta informações sobre a região. Os dados do IBGE utilizados servem para aprofundar a compreensão da região estudada. Miriam Goldenberg afirma que é perfeitamente possível o desenvolvimento de um estudo de base qualitativa a partir de dados quantitativos:

“A integração da pesquisa quantitativa e qualitativa permite que o pesquisador faça um cruzamento de suas conclusões de modo a ter maior confiança que seus dados não são produtos de um procedimento específico ou de alguma situação particular. A combinação de metodologias diversas no estudo do mesmo fenômeno tem por objetivo abranger a máxima amplitude na descrição, explicação e compreensão do objeto de estudo”.¹³

¹³ GOLDENBERG, Miriam. **A arte de pesquisar**. 1997, p. 62-63.

A Amazônia é um tema que preocupa muito não só organizações, ambientalistas como também o governo. As notícias sobre a região nos últimos meses foram baseadas na devastação da natureza, embora este não seja um problema exclusivo da Amazônia, no desmatamento, nas queimadas, na extinção de espécie, bem como na saúde e na educação.

No contexto da comunicação, o rádio contribui na resolução de alguns problemas sociais de comunidades na Amazônia. Assim, afirma a jornalista Mara Régia Di Perna:

“Na Amazônia, o rádio é o mensageiro, como também o recurso que se tem para resolver problemas de direito, de carteira de trabalho, aposentadoria, falta de documentação, denúncias contra grileiros, trabalho escravo e toda a sorte de ‘devoramento’, como dizem as quebradoras de coco. Saúde é pauta constante. A gente está muito atenta à sabedoria dos povos da floresta, no trato com plantas e ervas medicinais, e também às epidemias, dengue, leptospirose, malária. Fiz projeto com a Fundação MacArthur, *Mulher nas Ondas do Rádio — Corpo e Alma Rompem o Silêncio*: as mulheres se escondiam em pseudônimos para falar de coceira, mau cheiro, insatisfação sexual. Outras pessoas escutam e mandam cartas se solidarizando, então se forma uma rede solidária em prol da saúde”.

A apresentadora Sula Sevilles afirma que o papel do rádio está além da transmissão de informações:

“O caráter social da rádio dentro da Amazônia é indiscutível porque naquela região o acesso aos meios de comunicação ainda não é tão bom. Agora é que estão crescendo o número de parabólicas em alguns municípios. Pela parabólica, a pessoa além de ter acesso a um canal de televisão, também pode ter acesso a outras emissoras de rádio, mas nem todas as pessoas têm condições de ter uma parabólica e o rádio continua sendo o meio de comunicação mais importante dentro da Amazônia porque as localidades são muito distantes uma das outras. Tem lugares que não tem nem luz instalada. A gente recebe muita carta com esse tipo de pedido aqui. Então as pessoas se valem do rádio para tudo”, diz Sula.

O radialista Carlos Moreira, que já apresentou o programa Ponto de Encontro e atualmente apresenta o programa Nacional Jovem na Rádio Nacional da Amazônia, aposta que o rádio cumpre um papel de cidadania. “Viajo muito para a Amazônia. O pessoal daquela região do norte do país se sente muito isolado. São pessoas carentes de informação e de carinho também. A rádio cumpre um papel da cidadania porque faz com que aquela pessoa vivencie melhor. Eles querem notícia, mas também querem entretenimento. E entretenimento também é cidadania. Eu sei o quanto esse povo sofre”.

Roberto MCLeish afirma que o rádio fala para milhões e ao mesmo tempo para cada indivíduo. Para ele, não há fronteiras para o rádio:

“Livros e revistas podem ser detidos em fronteiras nacionais, mas o rádio não respeita limites territoriais. Seus sinais eliminam barreiras montanhosas e cruzam as profundezas do oceano. O rádio pode juntar os que se encontram separados pela geografia ou pela nacionalidade, ajuda a diminuir outras distâncias de cultura, aprendizado ou *status*”.

Dos mais de 182 milhões de brasileiros, mais 14 milhões estão na região Norte do país. O número não é alto se comparado ao espaço geográfico da região. A maior parte da população reside no Estado Pará, com mais de seis milhões, e a menor em Roraima, que possui cerca de 382 mil habitantes. O Norte é a segunda região com menor número de habitantes, ficando atrás apenas do Centro-Oeste, com mais de 12 milhões de habitantes. Na região Norte, cerca de 11 milhões estão na área urbana enquanto quase quatro milhões vivem na área rural.

A pesquisa do IBGE¹⁴ revela que é grande a defasagem escolar na região Norte do Brasil. A taxa de analfabetismo das pessoas de 15 anos ou mais de idade, por exemplo, mostra que o Norte possui 12,7% de analfabetos. O índice é o segundo mais alto do Brasil. O Nordeste fica em primeiro lugar com 22,4% de analfabetos nessa idade. A região Centro-Oeste registra um índice de 9,2%, enquanto o Sul e Sudeste, ficam com 6,3% e 6,6%, respectivamente.

¹⁴ INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Síntese de indicadores Sociais 2005**. Disponível em <http://www.ibge.gov.br>.

Outro dado não menos importante trata sobre a concentração de trabalho. Segundo o IBGE, sul e sudeste concentram melhor trabalho remunerado enquanto norte e nordeste, o mais precário. O relatório do Instituto informa que em 2004, as maiores proporções com carteira assinada e empregadores, considerados os postos de trabalho de melhor remuneração, encontravam-se nas regiões Sudeste (39,4% e 4,5%) e Sul (35,1% e 5,2%). Já os considerados informais (empregadores sem carteira e trabalhadores por conta própria), que somavam 40,2% da população ocupada estavam mais concentrados no Norte (13,6% e 18,4%) e Nordeste (14,4% e 20,3%).

Os Estados de Tocantins (25,3%) e Roraima (24,3%) detém os maiores percentuais de empregados sem carteira de trabalho, enquanto São Paulo (45%) possui a maior proporção de empregados com carteira assinada.

A falta de saneamento básico também registra alto índice no Norte. A região Sudeste possui 82,8% dos domicílios urbanos atendidos. As demais regiões registraram percentuais bem inferiores: Norte (9,1%), Centro-Oeste (34,4%), Nordeste (34,9%) e Sul (57,7%). Nas regiões metropolitanas localizadas no Norte, os destaques negativos cabiam a Belém (20,1%).

Segundo a pesquisa, as regiões Norte e Nordeste apresentavam em 2004 os maiores percentuais de mulheres não-remuneradas (15,4% e 13,9% da população feminina ocupada respectivamente). Já o Centro-Oeste tinha o maior percentual na categoria do emprego doméstico feminino (21,7%), sendo que o maior nível do país nessa categoria estava em Goiás (23,5%).

Ainda segundo o IBGE, a desigualdade regional também é um ponto marcante. Os menores rendimentos médios, em geral, foram observados para o Nordeste (R\$ 492,50) e Norte (R\$ 667,10) enquanto os maiores rendimentos médios dos empregados com carteira estavam no Distrito Federal (R\$ 1.172,30) e em São Paulo (R\$ 945,70) e os menores, em Alagoas (R\$ 475,80) e no Piauí (R\$ 495,50).

Um dado positivo é a taxa de mortalidade registrada na região, que ficou em último lugar. Já a mortalidade infantil é a segunda mais alta registrada, conforme tabela abaixo:

Região	Taxa de mortalidade	Taxa de mortalidade infantil

Norte	5,0%	27,4%
Nordeste	6,9%	39,5%
Sudeste	6,4%	19,5%
Sul	6,0%	17,8%
Centro-Oeste	5,2%	20,7%

Pelos dados supracitados percebe-se uma carência na região Norte em relação à educação, trabalho, emprego e ao saneamento básico. Muitos ouvintes recorrem ao rádio na solução de resolver seus problemas que estão ao alcance veículo. Percebe-se que a região sofre com falta de informações, acesso aos meios de comunicação de massa, além de defasagem escolar.

Pelos dados se tem uma aproximação da característica de ouvinte da Rádio Nacional da Amazônia.

Para melhor análise do papel executado pelo Ponto de Encontro, foi feita uma entrevista feita com ouvintes que tiveram seus familiares e/ou amigos reencontrados. A escolha foi feita aleatoriamente. Em 2005, há 26 registros com dados de pessoas que reencontraram familiares e amigos. Os dados foram fornecidos por Sula Sevilles, que informou que o número é muito maior do que o registrado. “A rádio não faz pesquisa. Aí fica difícil saber quantos exatamente foram reencontrados. Muitos ligam aqui no estúdio, na produção e agradecem mesmo”. Não há ainda registro do número de ouvintes encontrados neste ano.

Pela conversa realizada com cada ouvinte, foi analisado o motivo que levou a recorrer o programa, o que o rádio representa na vida dele e a opinião sobre o programa. Todos os entrevistados são do sexo feminino e possuem entre 19 e 56 anos de idade. A média varia entre 35 anos de idade. Do total, cinco moram no Estado do Mato Grosso, um em Mato Grosso do Sul, um no Pará e um em Tocantins. Quanto à ocupação, há cinco entrevistadas que são donas de casa, uma estudante, uma vendedora e uma pessoa que não trabalha.

A seguir consta a tabela com as entrevistas seguida da análise:

PONTO DE ENCONTRO PARENTES ENCONTRADOS EM 2005		
Nome completo	Iraci Souza Lemos	Maria Fonseca de Oliveira
Idade	30	45
Ocupação	dona de casa	dona de casa
Cidade ou município	Alcinópolis	Pontes e Lacerda
Estado	Mato Grosso do Sul	Mato Grosso
Qual a relação com a Rádio Nacional da Amazônia e com o programa Ponto de Encontro?	“Através dela encontrei minha irmã Divina de Souza Lemos, depois de 16 anos, morando em um sítio na cidade de Juruena, no Mato Grosso. Faz cinco meses que encontrei”.	“Encontrei a minha cunhada Maria da Conceição depois de 37 anos, na Fazenda Filhos e Netos, em Sapucaia, no Pará. Anunciei no rádio o nome de dois filhos dela mais velhos que o meu marido conheceu. A vizinha também ouviu e me falou. Encontrei depois de três meses de anúncio, passando recados no programa. Particpei ao vivo”.
O que pensam sobre o rádio. Qual a importância em suas vidas?	“Acho importante. Muito bom. Eu pelo menos gosto muito. Conheço o nome de todos os locutores desde pequena. Eu acho todas as programações da Nacional boa. Quando eu vou para a fazenda gosto de ouvir também. Eu acho todos os programas bons. Escuto a Rádio Nacional desde pequena”.	“Acho importante. Gosto demais do rádio. Gosto muito da Rádio Nacional da Amazônia. Não pode sair do ar. Tem muita notícia, tem gente encontrando gente. Pra mim faz parte até da família. Parece a mesma coisa de ter alguém aqui em casa. Não ouço outra”.
Opinião sobre o programa Ponto de Encontro	“Gosto muito. Gosto muito da Sula”.	“Ah... o programa é bom demais. A Sula fala muito bem e é atenciosa. Além das notícias, ajuda a encontrar gente, né”.
Situação atual da região em que vivem. Se existem carências. Quais?	“Aqui falta de tudo um pouco. Falta médico, dentista, ginecologista, pediatra e limpeza. A cidade é suja. Tenho até medo por causa da dengue”.	“Acho que o mais difícil mesmo é trabalho e médico”
Procurou resolver o problema de uma outra forma? Como? Se não, porque?	“Tem outra rádio aqui na cidade mais pega só 40 km perto da cidade. Procurei a Rádio da Amazônia porque fazia tempo que ouvia e achei a melhor maneira”.	“Não. Porque não tinha outro meio de procurar ela”.

PONTO DE ENCONTRO PARENTES ENCONTRADOS EM 2005		
Nome completo	Maria de Lurdes Barbosa	Edenilza da Silva Santos
Idade	32	35
Ocupação	dona de casa	dona de casa

Cidade ou município	Matupá	Juara
Estado	Mato Grosso	Mato Grosso
Qual a relação com a Rádio Nacional da Amazônia e com o programa Ponto de Encontro?	Encontrou o tio Serafim Barbosa Baldara depois de 40 anos em Assento Baixadão, em Vilhena, no Estado de Rondônia. “Procurei por mais de dois meses seguidos e encontrei através de outras pessoas que ouviu o programa. Eu sabia que ele estava em Rondônia. Só isso. E procurei a rádio porque sei que lá todo mundo ouve a Nacional. Liguei dois meses seguidos para o programa e consegui encontrar. Hoje ele mora num assentamento a mais ou menos 100 km da cidade de Cacoal (RO), seria um pouco difícil encontrar ele de uma outra maneira”.	Reencontrou a mãe do padastro dela (José Gomes dos Santos), a Sra. Regina Gomes dos Santos, depois de mais de 15 anos. Regina tem mais de 80 anos de idade. “Liguei na Rádio Nacional de Brasília e me passaram para a Nacional da Amazônia. Ela estava em Tocantins. Participei do programa ao vivo várias vezes contando tudo. Ouvimos no rádio o aviso e ligamos no telefone que tinham falado aí encontramos ela”.
O que pensam sobre o rádio. Qual a importância em suas vidas?	“O rádio é muito importante. Traz notícia, ajuda as pessoas. É muito bom”.	“O rádio é um ponto que liga a gente a muitas coisas. O que seria de nós se não tivesse um meio de comunicação? Eu gosto de tudo no rádio”.
Opinião sobre o programa Ponto de Encontro.	“Tem grande valor por causa da ajuda que presta as pessoas. Muitas pessoas encontram pessoas. É só por meio dela pra gente ter notícia. Eu ouvia aqui com rádio de ondas curtas, mas agora estou sem o rádio. Tenho que comprar outro. Tem grande valia principalmente para o povo da Amazônia. Ouço muito o Ponto de Encontro. Eu vejo que a Sula se esforça muito. É isso é bom”.	“Importante porque através do programa da Sula quantas pessoas já não se encontraram? Ele deixa as pessoas felizes”.
Situação atual da região em que vivem. Se existem carências. Quais?	“A cidade vive basicamente da agricultura, pecuária e madeira. Esta cidade tem 17 anos de emancipação política, mas surgiu a mais ou menos 30 anos. O problema atual aqui é a BR 163. O povo daqui já viveu muito do garimpo e depois da época boa muita gente desapareceu. Se você tiver oportunidade de ouvir o povo do Mato Grosso, você vai ver que tem muita gente que te conta essa história”.	“Aqui tem muitas dificuldades. Deveria ter um representante da Rádio Nacional aqui para facilitar mais o trabalho.
Procurou resolver o problema	“Procurei só pela rádio	Afirmou que procurou pelo

de uma outra forma? Como? Se não, porque?	mesmo”.	telefone, rádio e televisão. “Procurei o programa do Gugu Liberato, que tem um quadro que ajuda a achar parentes desaparecidos, mas não fui respondida”.
--	---------	---

PONTO DE ENCONTRO PARENTES ENCONTRADOS EM 2005		
Nome completo	Maria Raimunda Ferreira da Silva	Lucélia Ferreira de Carvalho
Idade	52	19
Ocupação	Não trabalha	Estudante do 1º ano do ensino médio
Cidade ou município	Novo Mundo	Lagoa
Estado	Mato Grosso	Tocantins
Qual a relação com a Rádio Nacional da Amazônia e com o programa Ponto de Encontro?	Encontrou os pais da amiga Tânia Campos Ramos Peixoto de Azevedo, Jacinta Campos Ramos e Emiliano da Silva, depois de 15 anos. “A Tânia deixou uma carta comigo com pedido para encontrar os pais. Aí eu já tinha ouvido gente se reencontrando e liguei para o rádio pedindo informação e depois de um mês anunciando encontrei”. Atualmente Tânia mora em Peixoto de Azevedo (MT).	Encontrou sua tia Edite Ferreira da Luz, depois de 40 anos, morando em Confresa (MT). A filha do meu marido de criação também me ajudou ligando lá na rádio.
O que pensam sobre o rádio. Qual a importância em suas vidas?	“Acho importante porque tem muitas coisas. Ah... tem notícias tem muita coisa boa. Logo que levanto eu escuto”.	Gosto muito do rádio. Ouço quando vou para a fazenda. É bom porque tem informação.
Opinião sobre o programa Ponto de Encontro.	“É importante. Tem muitas coisas. Quando o povo acha os parentes sai até água dos nossos olhos”.	É muito bom. Ajuda as pessoas e tem muita informação.
Situação atual da região em que vivem. Se existem carências. Quais?	“Aqui a maior dificuldade hoje é emprego. Acabou o ouro! Não tem como trabalhar mais no garimpo”.	Aqui quase não tem telefone. Não tem computador. Os maiores problemas são desemprego, saúde e comunicação.
Procurou resolver o problema de uma outra forma? Como? Se não, porque?	Sim. Falando com outras pessoas e pelo rádio.	Afirma que só recorreu ao rádio.

PONTO DE ENCONTRO PARENTES ENCONTRADOS EM 2005		
Nome completo	Auriana Mundim Borges	Francisca Barbosa
Idade	56	49

Ocupação	dona de casa	Vendedora de roupa
Cidade ou município	Jaciara	Itaituba
Estado	Mato Grosso	Pará
Qual a relação com a Rádio Nacional da Amazônia e com o programa Ponto de Encontro?	Encontrou o irmão de Isabel Lourenço de Souza, Vanderlan, que estava desaparecido há 22 anos. "A Izabel é esposa do vaqueiro que mora na nossa fazenda. É amiga nossa também. O pai dela já estava dando ele por morto. Achou que o Vanderlan tinha morrido de malária. Eu sempre dizia a ela para não perder as esperanças. Mandeí carta para a rádio e liguei também. No início teve muitos trotes, mas um dia uma senhora ligou e disse que o conhecia. Ela passou o nosso telefone pra ele, que ligou aqui pra casa". Segundo Auriana, Vanderlan mora hoje no assentamento Nova União (MT).	Encontrou a filha do amigo Manoel Carneiro, a Floriza, depois de 33 anos. "Tinha 33 anos que ele não tinha notícias da filha dele. Ele entregou ela para outra família quando ela era criança. Ele trabalhava no garimpo. Depois de mais ou menos 30 anos ele vivia me dizendo que tinha vontade de conhecer a filha dele. Aí eu disse que ia ajudar ele. Já tinha ouvido no rádio gente encontrando gente e resolvi ligar. Teve um dia que uma amiga dela que mora perto de Altamira ligou para o meu telefone perguntando se ali morava o Manoel. Aí ele achou". Segundo Francisca, hoje Manoel tem 60 anos e está muito doente por causa do garimpo.
O que pensam sobre o rádio. Qual a importância em suas vidas?	"A rádio leva comunicação as pessoas que não podem se comunicar. Faz o reencontro das pessoas. É bom demais. Eu escuto muito quando estou na fazenda. Eu uso mais que a televisão".	"Pra mim o rádio é muito importante porque a gente pode participar e também porque já foi realizado muitos sonhos. Eu já ajudei colegas pelo rádio. Não é só isso.. é a palavra que a gente escuta todo dia, o companheirismo. O meu rádio dorme em cima da cama comigo"
Opinião sobre o programa Ponto de Encontro.	"Ah...Acho bom demais. A Sula é muito boa. O programa dela também. Tem de tudo. O pessoal aqui em casa fala que fico igual boba. Eu vibro quando alguém encontra parente desaparecido".	"Olha eu acho muito importante porque tem gente de 40, 50 anos que não vê um parente e o rádio ajuda a encontrar. O programa da Sula ajuda muito".
Situação atual da região em que vivem. Se existem carências. Quais?	"Aqui o povo vive do gado e da soja. Com a prefeitura atual, a saúde melhorou um pouco, mas a comunicação ainda é bem ruim. Aqui pega uma rádio local e a Nacional e da TV as vezes a Globo e o SBT".	"Aqui tudo é muito difícil. É praticamente uma comunidade. Hoje quase não tem trabalho. Meu marido é garimpeiro, mas é difícil demais. Eu já fui cozinheira em garimpo e sei como é. Falta também colégio e médico. Para se comunicar também é difícil. O rádio ajuda muito nisso".
Procurou resolver o problema de uma outra forma? Como?	Afirma que só recorreu ao rádio.	"Procurei só por meio do rádio e telefone".

Se não, porque?		
-----------------	--	--

Das oito entrevistadas, sete procuraram o rádio como único meio para encontrar o familiar ou amigo desaparecido e apenas uma afirmou que, além do rádio procurou por meio da televisão. Quando falaram sobre o programa e a Rádio Nacional, cinco pessoas demonstraram explicitamente fidelidade ao veículo.

Quanto ao “Ponto de Encontro”, cinco pessoas associaram a importância programa exclusivamente ao encontro de familiares, enquanto duas associaram a importância ao encontro de familiares e as notícias. Apenas uma entrevistada associou a importância do programa ao encontro de familiares e informação.

Sobre a importância do rádio como veículo de comunicação, três declararam que o rádio é importante porque faz companhia e fornece informações. Outras três entrevistadas disseram que o rádio é importante por fornecer notícia e ajudar as pessoas, enquanto uma afirmou que o rádio é importante por fornecer notícia e uma afirmou que a importância do veículo está na informação fornecida por ele.

Das entrevistadas, três disseram que o emprego é um dos problemas principais da cidade. A comunicação foi citada por duas ouvintes como um dos problemas principais da região em que moram. Apenas uma ouvinte disse que a saúde é o problema principal e outras duas afirmaram que são vários os problemas, desde saúde até trabalho.

Participação ao vivo

No dia 15 de maio, o programa Ponto de Encontro atendeu 18 ligações, mas quatro caíram. Além disso, neste dia o programa foi interrompido pela rede de rádios para tratar do tema “Copa do mundo 2006” durante cerca de 15 minutos.

LIGAÇÕES RECEBIDAS NO PONTO DE ENCONTRO – MAIO 2006			
PASSAR RECADO	11	Fazer amizade e reclamações	Procurar pessoa desaparecida
Pedido de ligação	2	1	2
Informar que está bem	3		

Desejar feliz dia das mães	2		
Aviso para buscar na estrada, pedidos de ligações, etc.	4		

A primeira ouvinte que ligou se identificou como “a popular Ana do João”, de Itaituba, no Estado do Pará. Disse que ligou para a rádio para pedir a Sula que transmitisse o recado ao namorado para que ele avise no rádio que ouviu o recado dela. Ela afirmou que precisava muito falar com ele e que era urgente. “Sula. Olha eu quero avisar ao meu love, lá no Bom Jardim que eu quero que ele me chame daqui pra meio dia que eu quero falar com ele. É um problema da moto dele, viu? Eu to ligando só pra dar um alô aí Sula porque hoje estou viajando a partir de uma da tarde. Aí vou morrendo de saudades de vocês, viu?”, disse.

O segundo ouvinte é Raimundo de Itaituba, no Pará, que demonstra o envolvimento que possui com o programa. “Tudo bem Sula. Melhor agora falando com você. A melhor locutora da Rádio Nacional do Brasil”. Raimundo ligou para o programa para passar um recado para a esposa que está em outro local. “Sula eu queria passar um alôzinho pra minha esposa, que se encontra lá no rio Mamuru. Já liguei várias vezes. Já passei essa mensagem várias vezes pra ela aí através seu programa. Eu queria avisar pra ela que ela não se preocupe que eu sai de lá e eu cheguei aqui meio atrasado devido as chuvas que foi muito tensa. E eu fui no médico sexta-feira e o médico me passou um remédio pro pescoço. Eu melhorei já do pescoço e das dores”. A ligação de Raimundo caiu, mas no mesmo dia ele retorna e continua o recado. “Pois não. Continue com seu recado Raimundo!”, disse Sula. Raimundo avisa a esposa que ainda precisa se recuperar e pede para que ela escute o programa com frequência, pois ele retornará com recado. “Eu quero avisar pra ela que eu vou retornar no médico hoje porque eu não melhorei da garganta. Minha garganta continua muito inflamada e doendo, mas que ela não se preocupe não porque eu vou no médico daqui a pouco e a hora que eu sair do médico provavelmente para ela ficar ligada no seu programa essa semana que eu devo passar recado pra ela avisando o dia que eu to retornando pra casa, tá bom?”

A Elma, que mora no Estado do Pará, ligou para informar a mãe, a dona Margarida em Santa Eliza, no município de São Geraldo do Araguaia, que está bem. “Quero mandar um abraço e quero dizer que aqui tá tudo bem. Graças a Deus. Só isso”.

A Maria Aparecida, de Araguaina, aproveitou o espaço para passar um recado para a mãe. “Eu gostaria de mandar um recadinho pra minha mãe porque ontem eu não consegui falar. Então hoje eu vou parabenizar ela e desejar um feliz dia das mães. Que Deus dê tudo de bom pra ela porque eu não estava perto dela, mas eu não esqueci dela”.

Félix, do município de São Geraldo do Araguaia, no Pará, disse que queria repetir o número do celular particular para fazer amizade. A Sula informou ao ouvinte que esse tipo de serviço passou para o sábado. Segundo ela, o serviço foi retirado a pedido dos ouvintes porque o tempo dedicado aos recados durante a semana é pequeno. Félix fez uma reclamação ao vivo. Disse que não estava contente com a mudança. “Deixa eu te falar uma coisa. Muitos ouvintes aqui do Estado do Pará fala é porque tem muita entrevista na Nacional. Vocês passam muita entrevista por dia. Aí o espaço é curto”. Sula responde novamente sobre a mudança. Ele se mostra descontente: “Não! Pois ficou ruim demais mulher, pois vai ficar ruim demais porque tem muita gente que viaja no sábado aí fica ruim demais. Fica uma coisa muito errada que fizeram. Eu mesmo não tô gostando disso não. Não concordo com isso!!!” A ligação caiu.

Quando Sula atende uma próxima ligação, a ouvinte Josicleide, de Aripuanã, passa a ligação para a mãe, a dona Nenê, que avisou aos filhos Jando e Roberval que vai viajar para fazer exames médicos. “Sula. Eu queria passar um recado lá pro Pagão, onde estão meus filhos. É no rio Aripuanã. Eu quero mandar dizer pra eles que hoje eu tô indo pra Juína. Eu vou fazer uns exames, né. É o retorno já que eu fiz já. Então hoje eu tô indo pra lá pra fazer outro. E falar que aqui nós estamos tudo bem. Tá bom?” Obrigada. Na mesma ligação, Josicleide avisa aos irmãos que está tudo bem. “Ah.. eu quero mandar um recado lá pros meus irmãos mesmo. Pra dizer que eu tô boa, com saúde. Todo mundo da minha família. Quero desejar feliz dia das mães para as minhas cunhadas lá e pra você também”.

E completa: “Ei Sula. Manda um alôzinho pra mim. Eu ouço você a semana inteira lá na minha aldeia, lá na Volta Alegre. É a comunidade Boa Esperança. Aí quando eu vier aqui na rua eu sempre vou passar recadinho aí. É meio difícil de conseguir né, mas a gente consegue né. O dedo cansa”.

Katiele, de São Geraldo do Araguaia, no Estado do Pará, avisa a mãe, Maria Côrrea, que mora na fazenda Sabiá, em São Félix do Xingu, no Pará, que está bem e informa que aguarda ligação dela. “Quero avisar pra ela que está tudo bem aqui, mas eu gostaria que se fosse possível que ela me ligasse amanhã até meio dia. Sem falta!”

A ouvinte Célia, do Sudoeste, em São Felix do Xingu, no Pará, utilizou o espaço para falar para a mãe, Cleonice, que está tudo bem e pede para não se preocupar. “Quero dizer pra ela que aqui comigo está tudo bem e a Elaine só vai embora só depois que ganhar neném. Não precisa se preocupar. Nós vamos pra Aurilândia e a senhora vai em algum lugar que tem telefone e liga pra nós. Nós vamos passar o número do telefone no dia 25. Aí nós vamos dizer o dia pra senhora ligar”. Célia ressalta: “Pra ela pegar o papel e a caneta no jeito a mode ela anotar o número que nós vamos passar o número pra ela dia 25”.

Damásio, de Centenário, no Tocantins, avisou a avó, Carmosina Bezerra da Silva, em Confresa, no Mato Grosso, que está tudo bem.

Sempre que sobra tempo, Sula reafirma a informação passada pelo ouvinte. “Ana Do Carmo. A popular: Ana do João, falei com ela ainda há pouco lá de Itaituba, no Pará, pede ao seu esposo João Virgilio, no garimpo Bom Jardim, lá na JB em Itaituba para ligar hoje sem falta! Viu João Virgilio. Ligue sem falta pra sua esposa a Ana do João. O telefone é esse. Anote aí. 93 é o DDD e o telefone é 3518-2421. 3518-2421. 3518-2421”.

Breno Santos de Souza de São Félix do Xingu, no Pará, informou para a mãe que conseguiu passar em um concurso público. Diz que volta para casa assim que terminar de resolver algumas pendências. “Eu queria passar um recado pra minha mãe lá no Projeto de Assentamento de São Sebastião. Eu queria dizer pra ela que graças a Deus eu consegui passar num concurso público e avisar pra ela que eu não vou poder ir agora, mas que eu irei quando eu terminar de fazer os exames e assinar o contrato, ta bom?”

Eliene aqui do Castelo de Souza, no Pará, ligou a procura da mãe do esposo, o Nelson Gonçalves da Silva. Ela informou que Nelson não tem notícias da mãe dele há 46 anos e que ela se chama Maria Gonçalves da Silva. Segundo Eliene, a última vez que o Nelson teve notícias da mãe dele, ela morava em Alvarenga, em Minas Gerais. Para facilitar a busca ela informa ao vivo o nome dos irmãos e a história da família. “A gente pede que alguém da família dele que tiver ouvindo ou alguém que conheça, né, a mãe ou o irmão ou irmã, que ligue aqui pra gente, né?”

Sula ressalta: “Quem conhecer a dona Maria Gonçalves, que tem filhos dentre eles, o Leuvi, a Ruth e o Joaquim Gonçalves da Silva. Por favor, peça que entre em contato com o filho dela, o Nelson Gonçalves da Silva, que mora em Castelo de Sonhos, no Estado do Pará. O telefone para contato é esse 93 é o DDD e o telefone é 3502-2628. 3502-2628”.

Ivonete, de Tucumã, no Pará, passou um recado para o cunhado, José Francisco, na Fazenda Cristalina. Pediu para que buscasse ela assim que chegar de viagem. “Quero dizer pra ele ou pra minha irmã Silvania, se algum deles tiver ouvindo, que eu mais o meu irmão estamos saindo daqui hoje, que amanhã se eles puderem buscar a gente na estrada à tarde. Eu peço as minhas amigas lá se tiver alguma ouvindo por favor retransmitir pro Zé Francisco, meu cunhado, pro Zé, meu irmão ou pra Silvia, minha irmã. Pra alguém deles me buscar na estrada a tarde que eu to indo com meu irmão. Meu irmão é deficiente e ele não dá conta de ir caminhando”.

Maria Nivelcina, de Tucuruí, no Pará, ligou para tentar encontrar o irmão, Belino Ferreira dos Santos ou Belino da Silva Oliveira, desaparecido há 29 anos. “Meu irmão Sula, que não tem notícia de jeito nenhum”. Ela informou que quando teve a última notícia dele, estava em Barra do Garças, no Mato Grosso e contou a história do desaparecimento para auxiliar na busca.

Edna, de Tucumã, no Pará, passou mensagem de feliz dia das mães juntamente com seu irmão, Edivaldo, para a mãe, Rosângela, na Colônia São Francisco.

Das 14 ligações analisadas, 10 ouvintes utilizaram o espaço para passar recados, em especial “informar a família que está tudo bem e avisar que vai viajar, que fará exames e ainda pedidos para retornar a mensagem. Percebe-se que a maioria dos

ouvintes procuram familiares desaparecidos por meio de cartas. Nas ligações recebidas, duas trataram de procura de desaparecido.

RESULTADO, ANÁLISE E DISCUSSÃO

A proposta desse trabalho foi demonstrar que, apesar do advento da televisão e de novas tecnologias de comunicação, o rádio continua sendo capaz de suprir carências bastante específicas. É por meio exclusivo do rádio que muitas pessoas têm acesso a informação, entretenimento e serviço. Conforme foi citado, muitos ouvintes se comunicam pelo rádio.

O rádio é o veículo de comunicação que alcança todos os lares, sem distinção de classe. Com uma programação direcionada, ele pode ser utilizado como ferramenta para retratar a realidade local de uma maneira particular, que se distingue do jornalismo vinculado nos demais meios. Além disso, ele é “companheiro” de muitas pessoas no dia a dia.

Ficou comprovado diante da análise que mesmo com o advento da televisão e de outras tecnologias de comunicação que, o rádio possui um papel educador e supera expectativas e carências de outros meios de comunicação. As causas existem e foram apresentadas neste trabalho. A linguagem adequada, informal, coloquial e objetiva aproxima as variadas classes. No Ponto de Encontro, percebe-se que a prática do radiojornalismo é mais intuitiva e espontânea, o que aproxima o público-ouvinte e proporciona a cidadania.

O status de cidadão é uma construção social que se modifica ao longo da história, que varia de país para país. Para Cicília Peruzzo, a cidadania está ligada a participação. Segundo ela, “a cidadania é um arcabouço social que requer o envolvimento das pessoas, condicionando-se seu status a qualidade de participação”. Cicília afirma que os direitos legais foram uma grande conquista da sociedade e se

seus movimentos, mas ressalta que a cidadania somente é eficaz no momento em que a teoria também se torna prática.

“Na sociedade moderna, os cidadãos são membros de uma sociedade política baseada no sufrágio universal e na qual todos são iguais perante a lei. No entanto, isso nem sempre se dá na prática. No caso do Brasil e de outros países latino americanos, por exemplo, ter direito à educação, à propriedade privada e aos bens de consumo coletivo é uma coisa, mas ter acesso real e efetivo a tudo isso são outros quinhentos...”¹⁵

Nesse sentido, o programa parece proporcionar a cidadania, na medida em que abre espaço para participação, ajuda a conhecer, resgatar e valorizar as raízes do povo, socializa o direito de expressão e difunde conteúdos diretamente relacionados à vida local.

A qualidade em um programa de rádio, segundo MCLeish, não significa ser pródigo ou caro, mas estar em contato com determinado público a fim de servi-lo, atendendo com precisão as exigências do ouvinte. MCLeish afirma que, quando se pensa em serviço dedicado ao público, o programa não deve servir a outros interesses particulares, tem que estar disponível quando precisarem dele e ser útil ao cumprir exigências como dar conselhos e contar verdades desagradáveis. Um programa que presta serviço ao público é sensível às necessidades do ouvinte e está disponível a todos, não só para os ricos e poderosos.

¹⁵ PERUZZO, Cíclia Maria Krohling. **Comunicação nos movimentos populares: A participação na construção da cidadania**. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 286.

CONCLUSÃO E RECOMENDAÇÕES

Foi abordado neste trabalho o papel do rádio no fornecimento de informações na Amazônia. Notou-se neste *estudo de caso*, que o espaço dedicado ao público-ouvinte no programa Ponto de Encontro proporciona a participação popular e a cidadania.

Apesar das transformações ocorridas, ou seja, de inclusões de jornalismo com notícias e entrevistas, o programa cumpre as metas propostas na ocasião de sua criação. Com serviços de utilidade pública numa região carente de informações, o programa supre carências de outros veículos de comunicação, já que, conforme relatado, muitos recorrem somente ao rádio para receber notícias e tentar resolver problemas básicos. Conforme demonstrado, é por meio do rádio que os ouvintes se comunicam com familiares, passam e respondem recados e reencontram familiares e amigos desaparecidos.

Conclui-se que o programa cumpre uma função social, na medida em que valoriza a cultura, a diversidade, a educação democrática, e ajuda a reconhecer, resgatar e valorizar as raízes do povo, bem como socializa o direito de expressão e dá voz, pela própria voz, a quem, muitas vezes, é considerado sem voz.

Gisela Swetlana Ortriwano (1995), cita quatro doutrinas que definem o papel social da radiodifusão. Segundo ela, Abraham Moles distingue quatro que considera essenciais, que mostram o papel da radiodifusão na sociedade. Dentre elas, estão a doutrina demagógica dos publicitários, de dar maior satisfação ao maior número de indivíduos e a doutrina sociodinâmica, que pressupõe a ação direta sobre o todo social, constituindo um retrato permanente da cultura, esta considerada como “um conjunto de conhecimentos e de fatos em que é necessário optar entre a atitude conservadora e a atitude progressista”. (ORTRIWANO, 1995, p. 55)

Desta forma, é notória que a utilização do rádio desencadeia uma procura significativa pelo programa com o objetivo de encontrar familiares e/ou amigos desaparecidos.

O espaço dedicado ao ouvinte no rádio utilizado para propor pauta, mandar recado e utilizar o temo para procurar familiares desaparecidos proporciona ainda uma participação da comunidade. Assim, Cicília Maria Krohling Peruzzo, pontua uma série

de medidas que possibilitam a participação no processo de comunicação popular. “A participação da comunidade é mais ampla apenas no nível das mensagens, por meio de entrevistas, depoimentos, avisos, cartas e sugestões”. (ORTRIWANO, 1995, p. 297)

Percebe-se, por meio das cartas, que o programa interfere na vida dos ouvintes da região amazônica, pois, é por meio dele que muitas pessoas obtêm informações sobre o que acontece na região. Se vai ter vacinação, se técnicos de determinado ministério estão em algum município para fazer um “multirão”, etc. Dentre os assuntos abordados estão, saúde, trabalho, questões ligadas a terra, até solução de problemas sociais como reencontro de familiares desaparecidos.

Observou-se que, o programa passou por diversas mudanças, mas não deixou de atingir seu objetivo principal, atender as necessidades dos ouvintes de reencontrar familiares desaparecidos. Apesar da diminuição no número de cartas, o número é ainda significativo, dada as dificuldades para se postar uma carta, que vão desde a distância entre a residência do ouvinte e o correio e o dinheiro.

Sabe-se que a educação no Brasil não é a única arma para solução de problemas sociais. Mas, há de se ressaltar, que é um ponto que afeta as condições de vida da população. Segundo o IBGE, níveis educacionais mais elevados estão intimamente relacionados com menores índices de fecundidade e de mortalidade em função, por exemplo, do maior acesso e entendimento das pessoas sobre as práticas de planejamento familiar e saúde preventiva.

De acordo com o Instituto, a reconhecida relação direta entre educação e rendimentos de trabalho mostra que o aumento do nível educacional da população é fator preponderante na redução da pobreza e das desigualdades sociais. Nesse sentido, a educação interfere na qualidade de vida e no bem estar das pessoas, representando um valioso instrumento de inclusão social. Nesse contexto, as estatísticas sobre educação, muito embora nem sempre eficazes, assumem um papel fundamental na caracterização socioeconômica da população, identificando demandas, carências e áreas prioritárias para ações governamentais.

Assim, para melhorar o trabalho do Ponto de Encontro numa região marcada por carências específicas como informação e comunicação, recomenda-se: realizar uma pesquisa sobre os ouvintes da região amazônica, apesar da produção saber as

características desses ouvintes por meio de cartas, telefonemas e visitas a rádio; recomenda-se que tenha mais de um repórter regional para acompanhar de perto situações específicas da região; que disponibilize mais funcionários para trabalhar na produção de cartas, visto que somente a produtora Gaby Granado faz todo esse serviço; realizar uma pesquisa sobre a satisfação dos ouvintes, críticas e sugestões; repensar a primeira hora do programa, uma vez que muitos ouvintes ligam no estúdio no momento do “jornalismo” para saber o horário que pode falar o recado ao vivo.

Aos demais veículos e inclusive ao rádio cabe uma reflexão sobre a comunicação que envolve diretamente o ouvinte, leitor ou telespectador, que não deixe ele apenas como ouvinte passivo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALABRE, Lia. **A era do rádio**. 1ª edição. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 2002.

FERRARETO, Luiz Artur. **Rádio, o veículo, a história e a técnica**. 2ª edição. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2001.

GOMES, Pedro Gilberto. **Comunicação Social; filosofia, ética, política**. 3ª edição. São Leopoldo: Unisinos, 1997.

HARTMANN, Jorge. MUELLER, Nélon. **A Comunicação pelo microfone**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

KUNCZIK, Michael. **Conceitos de jornalismo: norte e sul**. 2ª edição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

LAGE, Nilson. **Linguagem jornalística**. 7ª edição. São Paulo: Ática, 2002.

LEROY, Jean Pierre. **Tudo ao mesmo tempo agora. Desenvolvimento, sustentabilidade, democracia: o que isso tem a ver com você?** Petrópolis: Vozes, 2002.

MCLEISH, Robert. **Produção de rádio. Um guia abrangente da produção radiofônica**. 4ª edição. São Paulo: Summus, 1999.

MCLUHAN, Herbert Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. 5ª edição. São Paulo: Cultrix, 1964.

MEDITSCH, Eduardo. **O rádio na era da informação**. 1ª edição. Santa Catarina: Insular, 2001.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **A informação no rádio: os grupos de poder e determinação dos conteúdos**. 3ª edição. São Paulo: Summus, 1995.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. **Comunicação nos movimentos populares: A participação na construção da cidadania**. Petrópolis: Vozes, 1998.

PRADO, Emílio. **Estrutura da informação radiofônica**. 1ª edição. São Paulo: Summus, 1989.

SOUSA, Jorge Pedro. **As notícias e os seus efeitos: As teorias do jornalismo e dos efeitos sociais dos media jornalísticos**. Coimbra: Minerva Coimbra, 2000.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. 7ª edição. Lisboa: Presença, março, 2002.

Internet

Entrevista com a jornalista e radialista Mara Régia Di Perna, que também é produtora e apresentadora do programa “Viva Maria”, da Rádio Nacional da Amazônia e *Mulherio*, da Rádio Mec, no Rio de Janeiro. **Rádio é ferramenta-cidadã**. Disponível em: <<http://www.ensp.fiocruz.br/radis/44/04.html>>. Acesso em: 3 abr. 2006

FERREIRA, Paulo Roberto. **Após o regatão, o rádio e a televisão**. Portal do curso de jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em <<http://www.jornalismo.ufsc.br/redealcar/cd3/sonora/paulorobertoferreira.doc>>. Acesso em: 23 mar. 2006.

FILHO, Maurício Monteiro. Modernidade não dá espaço a saberes tradicionais. Disponível em: <<http://www.reporterbrasil.com.br/materia.php?nick=tradicionais>> Acesso em: 10 abr. 2006.

História da Rádio Nacional do Rio de Janeiro e notícias sobre a Amazônia. Disponível em : <<http://www.radiobras.gov.br>> Acesso em: 10 abr. 2006

História do telefone. Fundação Telefônica. 2003.
Disponível em: <<http://www.museudotelefone.org.br/historia.htm>>. Acesso em: 10 abr. 2006)

Informações sobre localização, tamanho, clima, transporte e economia da Amazônia. Disponível em: <http://www.webciencia.com/17_intro.htm>. Acesso em :5 mai. 2006.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Síntese de indicadores Sociais 2005**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 25 abr. 2006.

Rádio e TV: ondas curtas. Portal do Ministério das comunicações. Disponível em: <<http://www.mc.gov.br/rtv/radio/amoc.htm>>. Acesso em: 10 mar. 2006.

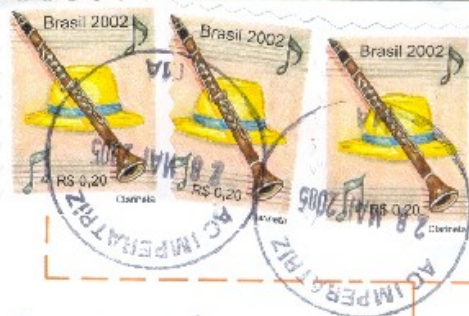
Rede latino-americanas de comunicação em apoio à campanha CRIS. **Outra comunicação é possível**. 29 jul. 2004. Disponível em: <<http://www.intervozes.org.br/artigos%5C2-FSA-por.pdf>> Acesso em: 21 fev. 2006.

Sobre a profissão de radialista e a história do rádio. Disponível em: <<http://www.microfone.jor.br>> Acesso em: 14 fev. 2006.

TRABER, Michael. **A comunicação é parte da natureza humana: Uma reflexão filosófica a respeito do direito a se comunicar**. 2004. Disponível em: <http://www.intervozes.org.br/artigos/trabers_pt.rtf>. Acesso em: 21 mai. 2006.

ANEXOS

Procurando Gente



Programa Ponto de encontro
Rádio nacional da Amazônia
Caixa Postal 258
Brasília Distrito Federal

7 0 3 5 9 - 9 7 0 Brasília D. F.

RPC

Remetente

Francisco Alves Lima

Endereço

Rua Bom Jesus, 392 - Bairro Santa Rita

6 5 9 1 9 - 0 0 0

Imperatriz - Maranhão

Imperatriz, 25 - maio - 2005

Querida Sula Levila, estou lhe escrevendo, primeiro por que sou seu ouvinte e 2º por que acredito muito na sua capacidade de apresentadora, especialmente agora no Ponto de Encontro onde com certeza vou encontrar o meu irmão que tanto desejo.

Sou Francisco Alves Lima, conhecido entre meus irmãos por "Fransisquinho". Tenho 3 irmãos homens: Claudeonor, José, Fagundes e 5 irmãs mulheres: Maria que chamamos de Miguinha, Alda, Joaninha, Irene, Mundinho, todos naturais de Ceará, mais residentes hoje em estados diferentes - Maranhão, Pará, Goiás, São Paulo.

Olha Sula, dos meus irmãos tenho 2 desaparecidos José e Claudeonor, mas, através deste importante programa "Ponto de Encontro" eu já encontrei o Claudeonor que está em Altamira no Pará. O José que a muitos anos não sei notícias eu preciso encontrar. A última notícia ele estava em São Paulo junto com Maria, Fagundes e Joaninha, mas sumiu de lá tem mais de 10 anos, ele era conhecido antes por Jé-Branco. Os nossos pais se chamavam: Gabriel Vieira Lima e Isabel Alves Lima naturais do estado de Ceará e moramos muito tempo no Valério próximo a Barra do Corda no Maranhão. Portanto eu quero encontrá-lo e deixo meu contato em Imperatriz - fone 0xx99-3526 ou no assentamento onde trabalho e sou conhecido por Chico Branco - 0xx99-3611-8030

Com certeza da sua ajuda
repetindo este apelo pelo menos
por 3 vezes, sei que vou
encontrar o meu irmão José

Quero deixar também o meu endereço
para ele escrever

(Rua Bom Jesus, 392 - Bairro
Santa Rita - Imperatriz - MA.
CEP - 65919-000)

Assina seu irmão
Francisco Alves Lourenço
Conhecido por Francisquinho

De Francisco
Alves Lourenço
Ponto de encontro
(procurando gente)



Radiação ocasional da correspondência
carta postal (258)
Para o programa Ponto de
Encontro

70354-970 Brasília
DF

RPC

Remetente Nuziome Santos Pereira
Endereço Litor Rodoviário Rua Manoel de Barros
Nº 1955
61315-000 São Félix do Araguaia
Pará

atrevida

Ricardo

Eu sou Miguel Souto Pereira
Eu procuro os pais do
meu esposo, ele se chama
Francisco Fritas do Nascimento
seus pais chama-se
Luís Batista do Nascimento
Maria das Graças Lima Fritas
meu esposo nasceu dia
17 02 1969 na cidade de
Caracatar Maranhão.

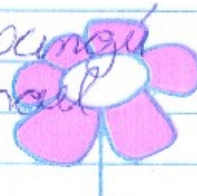
Alha Sula eu sou casada
com ele a 7 anos já temos
2 filhos Dielhu Tais e Mathius
Hurague. pule o meu esposo
tem 19 anos que ele saiu
de casa e não soube 7 no-
tícias dos seus familiares
tem 2 anos que ele adoeceu
fez uma cirurgia, desse tempo
para cá ele vive só doente
e gostaria muito de encontrar
os seus familiares.

meu telefone é ~~425~~(03594) 3365-7078
falar com a Sônia

meu endereço é São Félix do Araguaia
Citar Rodoaviária Rua Manoel
de Barros Nº 1955

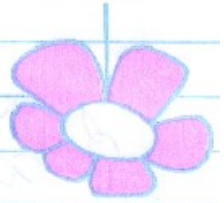
Cep: 68385-000

Gratidão



repetir

peço para colocar
em todos os programas
do anão.



Recado

atrevida

Brasília D.F.
Programa = ponto de encontro
com = Sula Sereia
Rúbia - nacional
caixa postal 258
CEP. 70353-970



VIA AÉREA
PAR AVION

UNIÃO Bandeirante
Distrito de Porto Velho - RO
AV: Dos imigrantes nº 293
nome Derivaldo Bispo Pinto

Remetente

Endereço

78927-000

Araucária, 1

União Bandeirantes 30.10.09

Distrito de Porto Velho.

Av. dos Imigrantes N° 293

nome: Herivaldo Bispo Pinto

"Sula está te escrevendo esta carta para agradecer pelo o encontro que você me proporcionou. Por te encontrar a minha irmã que é a Violância da do Pacóia no estado do Pará.

Sula eu queria ter ligado mais não pude. Por que logo veio o momento de tristeza meu filho adoeceu e foi preciso internar e nisso foi daí para três meses.

O logo a segui mais felicidade na minha família.

meu irmão logo também foi preso e logo a segui também meu Tio Ricardo morreu. e tanto coisa Sula meu pai se separou da minha mãe.

Aí começou os momentos de alegria dia 28 de outubro uma moça ligou me deu programa me procurando por Herivaldo Bispo Pinto e logo a fui ligar pra ela. e esta moça é minha prima.

Sula eu gosto tanto do seu programa que meu radio queimou e fui logo comprar outro pra não ficar sem seu programa.

Sula quero te pedir uma musica

about about ablatives: vom

almost adding

* kann schon als negativ

Tucumã - PA - 10.03.006.

Recado:

Ola, Sula seiles, como vai tudo bem espero que sim.

Sula estou escrevendo esta carta para procurar meus filhos:

O nome deles: **Barbosa da Silva**

1º **Manuel** morava no municipio de Curilândia na fazenda do Senhor Ze do Casão, Ai ~~as~~ sem terra. invadiro a fazenda, Ai desse dia nunca mais ele deu noticia se ele tive visto liga para esse número dando noticia (94) 3433-2990

2º **Antônia Barbosa da Silva** popular **Tuinha**: Sula eu tive noticia que ela mora ai mesmo em Brasília sim ela tive escutando esse recado liga no mesmo número acima manda chama a Carmezina ou deixa algum endereço ou número de telefone

Raimunda Barbosa da Silva:

Sula eu tive noticia que ela mora em Goiânia si ela tive escutando esse recado ou que conhecer por favor anote esse número de telefone. (94) 3433-2990

Sula quando eu deixar eles.
Eles morava em Carolina no
Maranhão

Sula meu nome é esse
Carmezina Fernandes de Lemes
a mãe de Manuel, Raimunda
Antônia

O nome do pai deles é
Pedro Barbosa Ribeiro

Sula eu moro em Tucumã no
Sítio Novo

Essa carta é para o programa
ponto de Encontro.

Sula eu quero que passa esse
recado durante um mês
em toda emissora radiobrás

De já agradeço sua paciência.

Carmezina